



~~249, 1, 49~~

III-4, 1, 40.

ENSAIOS POETICOS

DEDICADOS

EM

SIGNAL DE MUITA ESTIMA

A

SUA IRMAN A SENHORA

D. Angelica Roza Cezar

POR

Ildefonça Laura Cezar. (*)

par PRIMEIRO FOLHETO.



BAHIA



TYPOGRAPHIA DE EPIFANIO J. PEDROZA.

Rua do Pão-de-ló n. 37.

1844.

*Mãe da baroneza de Alca
Gomães.*

III-4, 1, 10

B 869.1

1.472.151 AA
08/10/2015

Golda
5.12.60

DEDICATORIA.

A' quem, si não à ti, Angelia amada,
Meus versos dedicar, por mimo grato?
A' quem, si não á ti, que desde o berço
Cuidados maternas, á Mãe roubando,
Todos commigo franqueaste sempre,
E sempre desvelada, e sempre amiga!
Não és tu, que dos Paes a ausencia suppres,
Esta ausencia eternal, que o peito chora? !
E mil sandades golpeal-o sinto!
Entre os sabios dictames, que te ouvia,
Gratidão á meus Paes era o primeiro:
S' estes me faltam, tu és só, que restas,
A' quem a gratidão mostrar en devo.
Esses favores, que alardeia Pluto
De á outros conceder tão generoso,
Ingrato, injusticeiro me denega:
Mas Erato me acolhe, si não muito,
Quanto ao-menos eu possa dedicar-te.
Acceita pois, Angelia, este presente,
Filho d'alma querido, onde tu moras.

✱

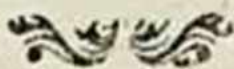
* 1.

ENSAIOS POETICOS.

MR. LOUIS AIME' MARTIN A' SOFIA

TOM. 2^o CART. 24.

*La vie, hélas ! la vie est un pénible songe !
Nous sommes en naissant dévoués au trépas,
Pour un peu de plaisir, que l'on goûte ici bas,
Un long et noir chagrin nous assiège et nous ronge.
Sans nous connoître, enfin, nous marchons à grans
Vers l' abîme éternel, et la mort nous y plonge ; (pas
Il se ferme sur nous et ne se rouvre pas.
Cependant jusques-là nous cherchons à connaître
Qui nous sommes, pourquoi l' Eternel nous fit naître
Pourquoi cet Etre immense et maître des destins
A formé cette terre où rampent les humains.
Vains efforts ! la raison, l' esprit, et la science,
Sur ces profonds secrets restent dans l' ignorance,
Et d' erreurs en erreurs cherchant la vérité,
Nous ne la découvrons que dans l' Eternité.*



TRADUÇÃO DA PEÇA ANTECEDENTE.

Que seja a vida trabalho sonho
Logo ao nascer á Morte dedicados !
Ai! por ligeiros, rapidos prazeres
(E que nem sempre desfructar nos cabe)
Longas tristezas, atros dissabores
O peito nos flagellam , nos opprimem !
De nós mesmos, emfim, desconhecidos,
Co'agigantados passos caminhamos
Ao terrivel, profundo, eterno abysmo,
Onde nos lança para sempre a Morte.
Lá mesmo pesquisamos (Que loucura!)
Saber quem somos, porque ao mundo vimos!
E porque Deos, Allipotente, e Sabio,
Dos destinos Senhor, creou a terra,
Em que rastejam, sem cessar, os homens!
Oh vãos esforços ! Qu' illuzão de idéa!
E a nossa razão , o esp'rito nosso ,
E a sciencia, na ignorancia ficam
De tão profundos, divinaes segredos.
E d'erro em erro da verdade em busca ,
Descobrimol-a só na eternidade.

AO DEZEJO DE MUDAR DE VIDA
DA CIDADE PARA O CAMPO.

LYRA.

Si de um rio nas margens situada
Pequena, alegre caza eu possuísse,
Que o terreno, qu'em roda se avistasse,
De nutritiva, esverdeada gramma,
Inda mesmo que poucas, contivesse
Gordas, mancinhas, e leiteiras vaccas,
Que ao despontar da purpurina Aurora
O grosso leite lhes mungisse, tanto,
Quanto fosse bastante á meu sustento;
Na posse destes bens não invejára
A dos Deoses Olimpica morada.
Então do meu amor o doce nome,
Ao som da branda lyra entretecida
De mil cheirozas engraçadas flores,
Faria resoar no bosque annôzo:
No mais vizinho tronco, vergonhozas
De o não saber dizer, as Avesinhas,
Em bando pressurozas, poizariam,
Querendo modular-o em seus gorgeios:
E os dotes seus, as suas graças tantas
Celebradas seriam pelas Ninfas
Ao redor dos amores folgazonas.

Mas ah ! qu' a sorte dura não concede
Venturas de tal monta á quem nascida
Só nesta vida foi para tormentos.

POR EFFEITO DE SE AFFAGAREM DUAS GARRIÇAS.

LYRA.

Ai ! Avezinha engraçada !
Como cantas mavioza !
Talvez teu amor chamando
A' seguir-te deleitoza.

Como, as azinhas abrindo,
Giras em tórno á teu par !
Só eu, de meu Bem auzente
Não o posso acariubar !

Livre, como és tu, porque
Me não fez a Natureza ?
Ella te deu liberdade ,
A' mim da sorte a ferêza !

Os mimos do bem , que adoras,
Podes sem susto gozar :
Cruel fado me prohihe
Os de meu Bem desfructar !

Em estreito captiveiro
Escôam-se os dias meus :
Estes, entregues á dor ,
Quanto differem dos teus !

Do modo, que viver queres,
Neste, ou naquelle lugar ,
Não tens, como eu , quem possa
Teus dezejos limitar.

Amar a terna consorte
E' teu mais doce prazer ;
Pois não ouzas um minuto
Distante d'ella viver.

Em tamanho à teu corpinho
Excede meu coração :
Assim pois o meu amor
E' maior em proporção.

Avalia, ó Avezinha,
O meu rude sofrimento,
E vê, si tenho razão
De apurar meu sentimento !

Igual à tua ventura
Pranteio a minha não ser !
Quanto sinto, que só possa
Ao longe meu Amor vêr !



CANÇONETA.

Como respiras ,
O' coração !
De mágoas cheio ,
E de aslicção !

Ah ! que a saudade
Tira a razão !

A' qualquer parte
A viva dôr
Serà o premio
Do teu amor !

E's infeliz ,
Seja onde for.

Mimozos bens
Nao guarda o fado
A' quem dos céos
E' deslembado.

E' só nas penas
Abalizado,

Do peito exhale
Roucos gemidos,
Que são dos ares
Só acolhidos.

Quanto meus dias
São consumidos

Na triste lida
De assim viver,
Um puro gosto
Não posso ter.

Meu duro fado
Hei-de sofrer.

D' aquillo, que já foi meu.

QUADRAS.

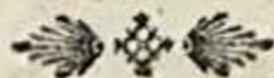
Entregando-me à desgraça,
Minha sorte o Fado leu :
Irado jurou privar-me
D' aquillo, que já foi meu.

Augmentando seus rigores,
A' ferir-me a dextra erguêu ;
Mas somente me arrancou
D'aquillo, que ja foi meu.

Extinguir meus tristes dias
O tiranno prometteu,
Em privação latismoza
D'aquillo, que ja foi meu.

Meu coração de pezar,
Senti, que desfalecêu ;
Ai de mim ! auzente môrro
D'aquillo, que ja foi meu.

Em deféza do meu mal
Nem Cupido appareceu !
Foi, como o Fado, invejôzo
D'aquillo, que ja foi meu.



Terno amor, doce amizade.

QUADRAS

Dentre os bens, que nos outorga
A celeste Divindade,
Tem á todos primazia
Terno amor, doce amizade.

ESTRIBILHO.

Amor imprime
N' alma o prazer;
Ditozo o vivente,
Que o sabe manter.

O coração, que á Cupido
Não tem sujeita a vontade,
Não avalia, não prêza
Terno amor, doce amizade,

Mas eu, que nos seus transportes
Firmei a felicidade,
Saborêio á cada instante
Terno amor, doce amizade.

Quando longé de meu Bem
Nutro asperrima saudade,
No seu regresso desfructo
Terno amor, doce amizade.

Amor imprime
N' alma o prazer,
Ditozo o vivente,
Que o sabe manter.

De separar-nos o dia.

QUADRAS.

Ai! meu Bem! Triste de mim
Pois ideia não fazia,
Qu' austero o tempo trouxesse
De separar-nos o dia

ESTRIBILHO.

Suspiro envôlta
Em afflicção:
Já nem palpita
Meu coração,

De seus funestos revêzes
Este julguei não teria !
E chegou , para matar-me ,
De separar-nos o dia.

Outros desgostos , e penas ,
Outras mágoas eu previa ;
Mas nunca esperei, viesse
De separar-nos o dia.

Consumida de amarguras ,
Sem jamais ter alegria ,
Com horror afflicta engaro
De separar-nos o dia.

Inexoravel commigo
E' a cruel sorte impia !
Firmou a desgraça minha
De separar-nos o dia.

Em lugar dos teus carinhos
Supporto negra agonia !
Envôlta em pranto lastimo
De separar-nos o dia.

No prazer de te gozar
Minha existencia corria.
Malfadada inveja aponta
De separar-nos o dia!

O ferrêto do desgosto,
A dôr, a melancolia,
São os fructos, qu' outorgou-me
De separar-nos o dia.

A' PRIMAVERA.

LYRA.

As frias brizas
Do Inverno triste,
O' Primavera,
Já sacudiste!

A' que chegasses
Deram lugar.
Já não rebenta
Com furia o mar!

As negras nuvens,
Que o Ceu cobriam,
E todo o Orbe
Enlucteciam,

A branca arêia
Ah! nem se via
D'este riacho!
Turvo corria!

Limpido agora ,
Grato murmura ;
Ternas suadades
Como-que apura !

A Pastorinha
Lá colhe flores,
Qu' enfeitar devem
Os seus amôres.

Ja cristalinas
Estão as ágoas !
E junto á ellas
Espanco mágoas !

Os Não-medeixes,
Rôxas Esperas,
Que abrandar sabem
As almas fêras.

Era medonho
Este pomar !
Ora florido
Se vê estar.

São as, que busca,
Outras deixando :
Astuta, e lèda
As vai atando.

Toda se anima
A Natureza !
O monte , o prado,
Tudo é belleza !

O' Primavera !
Estação linda !
Eu te saúdo,
E a tua vinda.]

Alegres cantam
Os passarinhos
Nos verdes tópes,
Ou em seus ninhos.

Fólga com tigo
A Natureza.
Longe os pezares !
Tudo é belleza.



Quanto meu coração ama.

QUADRAS.

Jove ateu no meu peito
Tão abraçadôra chama,
Qu' impossível é negar
Quanto meu coração ama.

ESTRIBILHO.

Fugir de Cupido
Eu quiz, e não pude.
Quem julga escapar-lhe,
Se engana, se illude.

Contra seu poder não vale
A mais engenhosa trama.
Occultar jamais eu posso
Quanto meu coração ama.

Fugir de Cupido
Eu quiz, e não pude.
Quem julga escapar-lhe,
Se engana, se illude.

Saudades do meu Amôr.

QUADRAS.

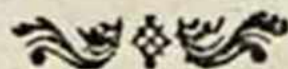
Espancar hoje não posso
A tristeza, o dissabôr :
Lutam com migo estremozas
Saudades do meu Amôr.

Onde objecto encontrar,
Que minore minha dôr !
Golpear sinto meu peito
Saudades do meu Amôr.

A descorada agonia
Desfecha em mim seu rigor :
Crescem d'istante á instante
Saudades do meu Amôr.

XARADA. 1.

Cheiro mais, que muitas flores. — 3
Sou bonita, alegre, e fina.
En vivo, si morre o dia,
Agrado á bella menina.



CANÇONETA.

Vamos, meu Bem,
Ao Prado ver
O claro dia
Amanhecer.

E lá do Oiteiro
Febo nascer.

Seu giro certo
Assim tomando,
A Naturêza
Ir alegrando.

A' trabalhar
Nos animando.

Do bosque umbroso
Os habitantes
Macios cantos
Trinar bastantes.

Que apurar sabem
Ternos amantes.

Ja vem do montão
Descendo o gado :
Ir ter à fonte
E' seu cuidado.

O seu pastor
Segue montado.

Uma cabana
Aquelle abrindo ,
Sua manada
Vai conduzindo.

Est'outro o leite
Está mungindo.

Na loira cúa
Todo espumôzo,
Tambem promette
Sabôr gostôzo.

Pois se lhe ajuntam
Cafê cheirôzo !

No rio entrando
Essa canôa,
O remo n'agua
Oh! como sôa!

A pescaria
Não foi atôa.

Os caranguejos,
Alvos peixinhos,
Ainda pulam
Camarõesinhos!

Lá se repartem
Entre os vizinhos.

A' fome bastam
Simples guizados:
Ella dispensa
Os temperados.

E tudo sabe,
Sem ter cuidados!

Estes, que a vida
Sabem mingoar,
Com migo juntos
Sabem andar.

E crescem mais,
Em te esperar!

Em-vão te chamo,
Meu doce Bem!
Meu terno Amor!
Que te detêm?

Meu triste pranto
Enchugar vem.

O lindo quadro,
Que á pouco vi,
Desvaneceu-se,
Ja não surri.

E eu me vejo
Sozinha aqui.

Assim a auzencia
Deixas tragar
Um peito amante,
Que sabe amar ? !

Ah ! que não sófre
Tanto tardar !

Dobra perigos
Astuto Amor,
E d'elles sempre
Sae vencedor.

Mas eu succumbo
Cheia de dôr.



LYRA.

Quanto invejo de Pastora
O viver simples, e bom !
Mas á mim negou o Fado,
Nao quiz tivesse este dom !

Aquella no verde prado
Seu rebanho vê pastar;
A Natureza contempla,
Que a deixa seus bens gozar.

Em-quanto do Sol ardente
Deixa passar o calôr,
Cheirozas flores enrama,
P'ra dal-as á seu Amor.

Não fazem sua fortuna
Vans illuzões da grandeza:
Nem sofre cruéis motêjos
Seu tratar com singeleza.

O ar mais sereno, e puro,
O bosque, o rizonho mar,
Suas precizões repáram,
Sem pisto se fatigar.

Cantando á borda do rio,
Que banha alegre morada,
Seus projectos executa,
Sem-que seja censurada.

Izenta de austeras lêis.
Pensa, ri, brinca, si quer;
Ignorando rigorismos,
E' feliz, onde estiver.

Pelos céos abençoados
Vê seus dias, seus prazeres,
Desempenhando mimoza
Seus mais sagrados deveres.

Sua gloria em ser querida,
E querer, funda somente :
Carinhoza tem carinhos,
E vive assim bem contente.

Ai de mim! , á quem a Sorte
De tão altos bens privou !
Ditozos dias ainda
Com migo não partilhou !



AOS ANOS DE MINHA IRMÃ A SENHORA
D. GUILHERMINA RITA CARLOTA DA SILVA.

ELOGIO.

Si um dia o Céu me dêr, que cantar possa
Em bellos versos o, que sente o peito,
Em nem-um me será, como este, grato,
Qu' Ermina o natal seu alegre canta
No sêio d'amizade a mais perfeita
D' Angelia, seu prazer, d' Angelia amiga,
Amizade, que só nutrirá a vida
Por seus doces extremos carinhosos,
Extremos, que ella só apurar sabe.
Mas tal assumpto, tão sublime, e nobre,
De minha escassa muza excede muito.
E quanto exceder sinto meus dezejos
De louvar tão gostozos sentimentos!
Se mór saber, Ermina, não m' é dado,
Para desempenhar-me, este, qu' é nada,
Obsequio de amôr, d'alma nascido,
Accolhe, accêita, Ermina, em honra tua,
Meu terno coração extaziado,
Esquecendo da vida os dissabores,
De suave prazer se vê banhado,
Prazêr celeste, que rival não sofre,

Quando contente affiançar-te pôde,
Que mil venturas, eternaes delicias
Te anhela disvellada Ilfonça amante.

A' CIDADE POR CAUZA DOS DOBRES DOS SINOS.

LYRA.

Ah! si longe de ti viver pudesse,
Morada de afflicção, de mil desgostos,
Da morte, sem cessar, pregoadôra,
Os melhores instantes enluctando
Dos, que, ás vezes bem poucos, nos contentam
Ah! de ti, sem pezar, eu me apartára;
E para os lédos, socegados campos,
Das discordias, e do tumulto izentos,
Levára os dias meus, meus tristes dias!
Tanta ventura não me outorga a Sorte,
Que me afasta de tudo, que me alegra!
Mal hajam taes revêzes d'esta vida,
Que á sofrel-os me falta a paci encia.



AO IMMORTAL 2 DE JULHO.

HYMNO.

Com melodia entoados
Cantemos festivos Hymnos,
Cantemos, caras Bahianas,
D'este Dia os Feitos dignos.

Quem de Dois de Julho pôde
Apagar gratas memorias ?
Elle foi, que deu aberta
A' tao sublimes victorias !

D' amizade estreitos laços
Fez entre nós apertar.
Quem podêra do seu giro
A duração prolongar!

Em nosso damno jamais
Opressoes tramar-se-ao.
Aureos troféos, bens sem conto
Rizonhos Fados nos dao.

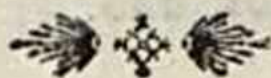
Sim. Bahianos venturozos,
Da Patria Libertadores !
Em premio de vossas lidas
Provai de Jove os favores.

Livre passagem Diana
Pelos bosques vos deixou ;
E de flores, para ornar-vos,
Flóra os campos matizou.

Meigas, facciras Bahianas
Hoje mais cêdo despertam;
Lindas grinaldas tecendo,
Lizonjeiras vos offertam.

Inteiro prazer desfructa
A feliz Bahiana Gente :
Louvores solemnes góza
Dados por Jove potente.

Nôvo brado á Historia leve
Os festejos d'este Dia,
Qu' aos Bahianos Corações
Trouxe perfeita alegria.



DE UM PRÊZO A' SUA ESPÔZA.

LYRA.

Da minha cadêia os ferros,
O pêzo, sinto esquecer,
Quando te aperto em meus braços,
E posso alegre te vêr.

Teu sorrizo afasta logo
De minhas penas o horrôr:
Com tigo vejo a fortuna,
Fogem males, surge amôr.

Por ti menos rigorozos
Encaro os destinos meus,
Por ti meus ferros desfeitos
Hao-de-ser por mão d'um Deus.

Em-vão tua auzencia sinto!
De mim ninguem se enternêce;
Surdos são á voz da dôr!
Ninguem ouvir-me parêce!

1.470.151 AA/2015

O' vós, que me dais os ferros!
Do meu pranto vos doei.
Dai-me a doce liberdade,
E à quem meus dias votei.

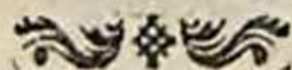
MOTE.

- *Os votos, que os Homens fazem,*
- *São mais ligeiros, que o vento.*

GLOZA.

- Com elles na campã jazem,
- Respirando inda verdade,
- Duram thè na Eternidade
- Os votos, que os Homens fazem.
- Mas as Mulheres, que os trazem
- Só no leve pensamento,
- Os esquecem n'um momento;
- E seos protestos de amar
- São mais incertos, que o mar,
- São mais ligeiros, que o vento.

Pelo Sr. F. M. Barretto.



O mesmo mote antecedente.

GLOZA. (*)

As Bellas na idéia trazem
De Dido os extremos fidos,
E quanto são sementidos
Os votos, que os Homens fazem.
Por terra abatidos jazem
Esses muros, onde assento
Teve esse amor fraudulento,
Esse amor todo traição.
Os Homens, sem excepção,
São mais ligeiros, que o vento.

CHARADA. 2.

Antecedencias exprimo. — 1
E lugar tambem indico. — 3
Em cazos grammaticaes,
Lá na syntaxe me fico.

(*) *Digne-se o Illm. Sr. Muniz de desculpar minha ousadia em querer imital-o.*

Tantos males supportar.

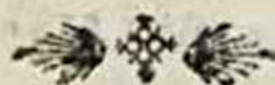
QUADRAS.

Si tu de-longe podesses
Em mim teus olhos fitar,
Verias, que ja não posso
Tantos males supportar.

De tristeza ja nem sinto
O coração palpar !
Si não chegas, ah ! duvido
Tantos males supportar.

Si a cauza de meus gemidos
Tu não vens aliviar,
Desespéro de poder
Tantos males supportar.

Sendo tão grande meu peito
Para extremôzo te amar,
E' pequeno, para, auzente,
Tantos males supportar.



LYRA.

Que bonita Borboleta!
Que matiz tão variado!
Todas as côres reúne
No todo seu engraçado.

O succo das lindas flores
Em cada-uma libando ,
D'esta vôa, aquella busca,
E sempre assim vai girando.

Mas ah ! que não pôde a triste
De astuto rapaz livrar-se !
Do seu brilhante de côres
Deve a coitada queixar-se.

Si tão bonita não fosse
Talvez escapar podesse !
Talvez que de ser pilhada
Elle excessos não fizesse.



CANÇÃO.

Ha dias, em que não posso
'Star alegre um so instante!
Quanto mais desforçar busco,
Mais minha dôr vai avante!

Nos braços teus
Alivio achára ;
Então da Sorte
Eu desdenhára.

Do meu negro, e duro Fado
Sacrificada ao rigôr,
Nem abrandal-o conseguem
Dôces carinhos d'Amôr!

A sorte escassa,
Com migo avêssa,
De todo o modo
Quer qu' eu padeça!

De me perseguires, Sorte!
Um dia não cançarás ? !
Meu triste desassocôgo
Uma vez não findarás ? !

Ah! não te move
Meu padecer ? !
Assim quizêra
Antes morrer.

LYRA.

Inconsolavel
Me tem o Fado,
Des-que não vêjo
Meu Bem amado.

E' tudo grato
Com elle á par;
Sem vêl-o, a dôr
Me quer tragar.

Respiro apenas
D'elle distante.
E' triste ser
Assim amante !

Ah! que a saudade
Me desalenta,
E tudo em-fim
Me descontenta ?



Mas eu lhe digo, que não.

QUADRAS.

Prendi Amor no meu peito
Com arco, aljava, e farpao :
Pede-me agora, que o solte ;
Mas eu lhe digo, que não.

Chora triste, por se vêr
Em tão estreita prizão :
Suas supplicas redobra ;
Mas eu lhe digo, que não.

Tenta, debalde, quebrar
Os ferros da escravidão:
Insta pela liberdade ;
Mas eu lhe digo, que não.

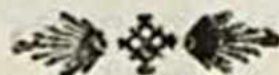
Amaldiçôa o Destino,
Contra elle impreça, emvão;
Juramentos affiança ;
Mas eu lhe digo, que não.

Tiranno, ja se não lembra
Da sua má condição !
Humilhado quer vencer-me ;
Mas eu lhe digo, que não.

Amofina'-o é meu gosto,
Tenho nisto galardão.
Apiedar-me julgava !
Mas eu lhe digo, que não.

Já de um Deus o sofrimento
Não te move à compaixão ? !
Assim diz: livre me deixa :
Mas eu lhe digo, que não.

Ria o Mundo de prazêr,
Ria de satisfação :
Existe prezo Cupido,
Não lhe dou soltura, não.



A^YPEDIDO DE UMA SENHORA
PARA SEU MARIDO AUZENTE.

X
EPISTOLA.

De que sorte, meu Bem, ó caro Espôzo,
Os males pintarei, que hoje me cercam ? !
Meu triste coração não acha alentos :
Victima sou da mais cruel saudade,
Que no pêzo d'auzencia desabrida
Gemer me faz afflicta, e descontente !
E peno por mim sò, ou tenho ainda
Duplicado pezar, de ti distante ? !
Nossa Filha, ai de mim ! p'ra quem dirige
Seus tenros passos inda mal seguros ?
Para quem ella corre, a'quem pergunta,
E saber insta, de que seja a cauza
D'esconder-se-lhe o Pae, o fido amigo ? !
Sou Mãe, e minha dôr assim recresce !
Que esforço d'alma, ó Deuses ! não preciso
P'ra da infancia penas arredar lhe,
Ah ! si eu mesma achar não posso alivio ,
Remedio, que desfaça a dôr, que soffro,
Mortal melancolia, que me oprime !
Tornam-se noites para mim os dias ,
E, sem elles, a Natureza em trevas
Que pôde offerecer-nos agradavel ? ?

E's tu, meu doce Amôr, querido Espôzo,
De meus dias o sol, de minha vida
O gostôzo prazêr, alma, e socêgo.
So tu afastar pôdes de meu peito
Os terriveis tormentos, qu' o flagellam,
E trazer-lhe as delicias, que lhe saltam.
Não dês á dura auzencia um largo tempo :
Volta á meus braços, vêm, não te demores ,
Vêm consolar o coração saudôzo
Da Esposa fiel, que sabe amar-te.
Em-lanto da amizade os puros votos
Acceita prazenteiro, e sempre os guarda.

Ter amor não é defeito.

QUADRAS.

Si na posse d'altos bens
Vem amor dôce, e perfeito,
Não desdenhes de meus votos ;
Ter amor não é defeito.

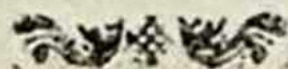
Sim, meu Bem, ó Tirce bella !
Não é amôr contrafeito.
Tu imperas em minha alma.
Ter amôr não é defeito.

Ja são teus meus caros dias :
Dominas meu terno peito.
Tem dó d'esta alma , qu' é tua.
Ter amôr não é defeito.

Tuas raras perfeições
A'ti me fazem sujeito :
Sem cessar ellas me dizem :
Ter amôr não é defeito.

É dos Deuses lei suprema
A , que nos inflama o peito;
Si tambem os Deuses amam,
Ter amôr não é defeito.

Seguir o, que os Numes seguem,
É da Virtude um effeito.
Amando a Tirce, os imito.
Ter amôr não é defeito.



AO ILL.^{mo} SR. DR. J. G. DE MAGALHÃES

*em agradecimento da sua sublime Lyra, feita em
Paris, ás Senhoras Brasileiras, e que se lê
nos seus Suspiros Poéticos, e Saudades.*

EPÍSTOLA. (*)

Essa divina, aurifulgente Lyra,
Mimo d' Apollo, que à bem raros cabe,
Essa Lyra, Senhor, por ti pulsada,
Que a mente, e o coração absórtos deixa,
Quando os reclamos seus áos Numes alças,
Ouvi (com que prazêr, e assombro, e gôsto !)
Das Brasileiras entoar os dotes !
Bem-que Bahiana eu seja, assaz conheço,
Que nem um d'elles me pertence, e toca ;
Mas grata eu felicito ás Brasileiras,
As, que ufanar-se pôdem com taes mimos,
Mimos, que um Vale em sublimados Versos
Benigno fez que eternizados sejam.
Do Masculino Sexo desprezada
E' a linguagem tua, encantadora !
Assim te imita o mui prezado Borges, (**)
Que em nossos corações, si eternos fossem,

(*) Esta epistola não foi remettida.

(**) O Excel. Sr. Visconde da Pedra Branca.

Eterna estimação de jus tivéra.
Com meliflua voz ao som da Lyra
A gratidão ás Mães ambos ensinam :
E o mundo, qu' em desprêzo só nos via ,
Tem d'ambos aprendido a respeitar-nos,
Quem de raras virtudes ennobrece
O peito, e a razão, e alma pura,
Indulgente é, Senhor, é justiceiro :
Tal em ti divizei, teus versos lendo.
E si por mim desconhecida fosse
Esta verdade, que profiro agora,
Como, sem arte, sem sabér, sem metro,
Te enviára. Senhor, em broncos versos ,
Em tôscas expressões, os meus respeitos ? !
Qu' ouzadia tamanha me desculpes,
Espero de tua Alma generosa.
Em tanto invôco ao Ser Omnipotente,
Larguêie os dias teus , e qu' inda possas
Entre vivas, aplauzos, e festejos,
Em rizados d'alegria, e de prazêres,
A Patria ver, a Patria, que te adora.



OBSEQUIO

*Do Illm. Sr. Domingos Rodrigues Seixas
lendo uns meus versinhos.*

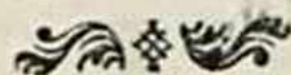
- « Quem-quer que tão docemente
- « A Lyra pulsa de Apollo,
- « Unindo os cantos de Cisne
- « Com soberbo, airôzo collo,

- « Póde, á meu ver, sem temôr
- « Mimo das Muzas julgar-se,
- « E dentre as lindas Bahianas
- « Outra Sapho nomear-se.

RESPOSTA.

Si d'Apollo a Lyra d'oiro
Pulsar podêra. Senhor,
Em altisonante verso,
Cantára vosso favôr.

Ser das Muzas grato mimo
Jucundo prazêr me dêra :
Mandára então vosso Nome
Além da celeste Esféra.



AOS ANNOS DE MINHA SOBRINHA

A SNR.^a D. CLELIA SOARES.

LYRA.

Como purpurina, e bella
Raiando a Aurora hoje vêm !
Amôres. Rizos, Prazêres,
Seguem-lhe as Graças também.

As engraçadas Napêas,
Os hermos bosques deixando,
C'os de Flora dons mimozos
Vem de Clelia o Bêrço ornando.

Da divina Lyra Apollo
Tange as auríferas cordas :
Por cantar de Clelia os Annos,
Deixa as meandrinas bordas.

Igual se tórna áo de Jove
O seu preclaro natal !
O Tempo á face de um Nume
Despreza a fôice fatal.

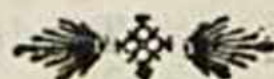
Enfeitada a Naturêza
Surri de prazer, de gosto,
Thé o annôzo Destino
Desenruga o sêio rôsto.

Mimozeada com elle,
Que mais quer a Terra, o Cêu ?
Nôvo turno os Astros seguem !
Não desdobra a Noite o veu !

Ninguém passará o Lethes
Neste Dia afortunado !
Na Barca nêgra Charonte
Tem os seus remos guardado.

XARADA. 3.

Infécunda hoje sou Mãe. — 2
Sou herba muito vulgar. — 2
Exprimo dotes, bellezas,
Com ingenho singular.



A'UMA REPENTINA TEMPESTADE,

LYRA.

De negras nuvens
Toldou-se o ar !
Já principia
A' fuzilar !

Zunem os ventos,
Brame o trovão !
Espavoridos
Todos estão !

Na erma caza
Só eu estou !
De mim o susto
Se apoderou.

De medo, e frio
Interiçada,
Mal abro os olhos,
Desanimada.

O mar em serras
Rebenta irado !
Eis um batel
Ja naufragado.

Aquelle tronco
Annôzo, e forte,
De horrendo raio
Sofreu o corte.

Raizes tantas
Não lhe valêram !
Ao impio golpe
Tambem cedêram.

A Mão do tempo
Tudo consome !
Thé á si proprio
Esconde, e some.

Ai ! não se acalma
A tempestade !
Oh miseranda
Humanidade !

Meu Deus, meu Deus !
Valei-me ! Sim !
Misericordia
Tende de mim.

AO ANNIVERSARIO
DA ILL.^{ma} SR.^a D. MARIA JUNQUEIRO
A PEDIDO DE UMA SUA AMIGA.

LYRA.

Eu te saúdo,
Festivo dia,
Dia de gloria,
E de alegria!

Ah! qu' a Fortuna,
Com migo escassa,
O meu dezejo
Nao quer que faça !

Como se ufana
Com tigo o Mundo,
O claro Ceu ,
O Mar profundo !

Si d'ella eu fôsse
Favoneada,
Sim, tu verias,
Marilia amada,

Tu és de Jove
O mais mimôzo !
Elle te vólva
Sempre ditôzo ;

O Universo
A'ti sujeito,
E te prestar
Alto respeito.

E tantas vezes ,
Qu' á se contar ,
Ninguem com ellas
Saiça acertar.

Assim contente ,
Ficára então
De gôsto cheio
Meu coração.



A' MINHA MANA A SENHORA D. ANGELICA!

COLXEIA.

*Sobre as aras da ternura
Hei-de erigir-te um padrão.*

GLOZA.

Inda além da Sepultura
Teu nome será lembrado,
Ficará eternizado
Sobre as aras da ternura.
E onde nunca murmura
A falsária ingratidão,
Onde puro o coração
Perante Jove se mostra,
Onde o culpado se prostra,
Hei-de erigir-te um padrão.



A^a MESMA SENHORA

VENDO PASSAR A FESTA FÓRA DA CIDADE.

LYRA.

Oh ! verde, alegre, matizado Campo ,
Onde sempre o recreio a vista encontra,
Onde o grato repouzo, o puro gosto
Ao fatigado peito não se negam,
Angelia, a minha amiga, acolhe, agrada.
Os differentes, saborozos fructos,
Que frondiferos ramos formozêam,
Essas mimosas flores, com que sabes
Os valles teus orlar, onde serpêia,
Murmurando saudozo, o claro rio,
Tudo lhe offerta, à seus prazêres tudo !
Ella vai vizitar-te: hospede tua,
Variados folguedos lhe apresenta
Ou quando nas campinas, quer nos môrros,
Os teus vergéis pizar, tua espessura.
Das espumantes, elevadas ondas
Os perigos não teme, por buscar-te
Neste da Primavera ledo tempo !
E cuida, que sem mim parte, e me deixa ? !
Mal cuida, e pensa, que sem mim se aparta !
Si no seu coração eu tenho ainda

Cantinho occulto, que me guarda mêniga,
S'inda antigos amôres lhe lembrarem
Ilfonça amiga, que esquecêr não sabe,
Irman querida, que prezou, que préza,
Aos valles, áos oiteiros, prados, bosques,
Irei com ella ; ou ficarei saudoza !
E porque sempre na mesquinha vida
Hão-de os nossos prazêres ser tão curtos ? !
Tempos, que assim mudais os fados nossos !
Ou Fados, que mudais assim os tempos !
So mudar não podêis meu peito amante !
Funesto dom, que me outorgãram Numes,
Para tanto sentir d'Angelica a auzencia !
Adeus, Angelica, adeus ! Os Céus permittam,
Que d'esses lindos campos , que pizares,
Para prazêres teus, delicias brotem.



AOS ANOS DE CORA.

LYRA.

Ja rasga rùbida Aurora
Das trévas o pardo manto.
Plumôzo cantor desprende
Suave , e macio canto.

O de Venus bêrço undôzo
Dormindo parêce estar !
Aqui d'um regato as aguas
E' grato ouvir murmurar.

Brando sussurra Favonio ,
As florinhas agitando;
Vê-se alegre a Natureza ,
De multicôres trajando.



Do cimo d'erguido oiteiro
Resurge de Febo a luz :
E no meu coração terno
Que sensações reproduz !

Tudo annuncia festivo
Teu natal , ó linda Córa !
Os d'Olympto Sacros Deuses
Tambem seduz , e penhora !

E quem ha , que negar possa
D'elles o mimozo empenho ? !
Só eu neste alegre dia
Inteiro prazer não tenho !

Da sempre accintoza Sorte
Os revézes me couberam !
Seus ledos mimos ainda
A' meus dias não vieram !

Nem , para dar-te , possuem
D'ella si-quer um presente !
E , para mais affligir-me ,
Hoje estás de mim auzente !

Embora avarenta guarde
Seu refulgente metal
P'ra esses , que á vista d'elle
O coração nada val,

Cordeal , extremo amôr ,
Posso , ó Cora, te offertar ;
E não póde essa tiranna
D'este gôsto me privar.

Que milhares d'annos vivas ,
Eu te dezejo , meu Bem !
E que possúas de bom
Quanto este Mundo contém.

A' MESMA ,
REMETTENDO-LHE UMA CRAVINA.

De meu Bem, de meu Amôr,
Da minha bella Lilina,
Vai ser hoje o lindo enfeite
Mimoza, rubra cravina.

D'esse Bem , qu' escassamente
Me deixa a Sorte gozar ,
Ao annelado cabêllo
A graça vai augmentar.

Quanto invejo a tua dita !
Ah ! por ti eu me trocára !
Então a bella Lilina
Gostozamente beijára.

Quanto sem ella padêço ,
Lhe lembra , bonita flor !
Nao , não dissimules , conta
Do meu peito a viva dôr.

Tudo lhe faz desprazer.

QUADRAS.

Quem de seu Bem vivo auzente ,
Consôlo não pôde ter ;
Acerbos males encara ;
Tudo lhe faz desprazer.

D'um logar á outro corre ;
Mais medonho áo parecer !
O doce Bem não descobre ;
Tudo lhe faz desprazer.

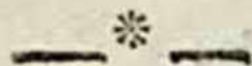
O coração magoado
Apenas sente bater :
Pezados golpes o ferem :
Tudo lhe faz desprazer.

Na dôr , e no desespero ,
Afficto leva á gemer :
Lamenta triste existencia !
Tudo lhe faz desprazer.

A prezada liberdade
Sem crime ver-se perder ? !
Caprichos são do Destino ,
Que se não pôdem sofrer.

XARADA. 4.^a

No b-a ba tenho parte. — 1
E nas comparações me acho. — 1
Si amor liga os corações ,
Entre os Soldados m'encacho.



*As doces prizões d'Amor
Cada vez me apertam mais,*

GLOZA.

Não cuide Sábio Orador ,
Que suas doudas lições
Desliguem dos corações
As doces prizões d'Amor.
Cupido aos mortaes , à flor ,
Anima com gostos taes ,
Qu' em conhecel-o jamais
Teve desprazer alguém.
Mimos d'elle com meu Bem
Cada vez me apertam mais.

Outra.

A' teu rizo affagador ,
A' teu olhar meigo , e brando ,
Sinto , que me vão ligando
As doces prizões d'Amor.
Esse Deus abrazador
Grato se entrega aos mortaes ;
Nem são , Jozina , fataes
As suas settas buidas !
Com tigo de amor as lidas
Cada vez me apertam mais.

*e E' feliz entre os mortaes ,
e Quem chega á gozar seu Bem.*

GLOZA.

Quem não sabe o, que é dar ais,
Quem tem livre o coração ,
Quem não prova ingraticão ,
E' feliz entre os mortaes.
Quem goza bens tão reaes ,
Que alegre vida entretêm ,
Tudo mais vê com desdêm :
D'aquelle os bens não inveja ,
Nem que muito feliz seja
Quem chega á gozar seu Bem.

Outra.

Cupido as armas fataes
Aós pés de Lilia lançou ,
Com ellas Lilia se ornou ,
E' feliz entre os mortaes !
Goza dos dons divinaes,
Ja c'os Deuses se entretêm !
Aó mundo mais não convêm
A nova socia d'Amôr :
Ella fere com rigôr
Quem chega á gozar seu Bem.

MOTE.

« De quem sou, inda-que morra,
« Isso nunca direi eu ;
« Porque, de quem sou, me pede,
« Que eu não diga, que sou seu.

GLOZA (*)

Gozar de quantos favores
Tu, meu Bem, me podes dar ;
De teus labios escutar
A linguagem dos Amores,
E' têr da Sorte os primores,
Qu'á ti manda, que eu recorra,
E com ternura concorra
A' teu suave prazêr :
Mas ordena não dizer
De quem sou , inda-que morra.

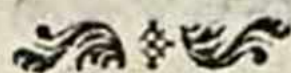
Dotes taes não esconder ,
A' minha gloria convinha :
Dar ideia, ó Céus ! eu tinha
D' um tao ditozo querer.
Porêr cumpre obedecer

(*) A' pedido do sr. A. J. T., que me deu o mote.

A' meu Bem, ao mando seu,
A' quem o coração meu
Vive por gosto sujeito ;
Si assim quer, si é seu preccito ;
Isso nunca direi eu.

De meu Bem segredo seja
O nome, nome querido ;
Mas não, que vivo perdido
Por mimos, qu'Amor almeja.
Si ao mundo não dou, que veja,
Quem tanto as Graças excede,
Uma força ha, que m'impede :
Qual minha Bella não digo ;
E taes dictames eu sigo,
Porque, de quem sou, me pede.

Vede, ó mortaes ! que ventura
Para mim guardava o Fado !
Amar, ser também amado,
Possuir tal formozura,
Qu'excede á toda pintura !
Quanto é bom, tudo me deu,
O meu Bem me offereceu
Terno amor, seu coração ;
Mas com esta condição,
Qu'eu não diga , que sou seu.



QUATRAIN.

Je veux que de nos amours
Ne spécifiez pas les faveurs :
Chantez leurs divins ardeurs
Sans les dénoncer toujours.

Ildefonso.

TRADUÇÃO.

QUADRA.

De nossos amôres quero,
Não revelêis os favôres :
Cantai, porém cautelôzo,
Os seus divinos ardôres.

ESTRIBILHO.

Não vale menos
Saber amar,
Qu'os dons d'Amor
Não publicar.

Pelo sr. R. X. de Figueiredo Ardignac.



A MINHA MANA A SENHORA D. ANGELICA
à pedido de nossas sobrinhas, q' com ella vivem;

QUADRAS.

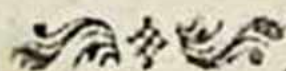
Nosso amor patentear-te,
Não deve, Angelia, ser crime:
Nada são nossos encomios
Para a tua Alma sublime.

ESTRIBILHO.

Que o coração
Assim se exprima,
Permitte, Angelia,
A' quem te estima.

Qual viçosa em ti remôça
Da Virtude arvore bella,
Assim renovar-te havemos
Louvores em honra d'ella.

Tu és da nossa amizade
O penhór mais precioso.
Sem ti é nada a existencia,
Comtigo é dom valioso.



AO ILL.^{mo} SR. R. X.^{er} DE FIG. do ARDIGNAC,
ENTÃO NA ILHA DE FERNANDO.

LYRA.

E' crível jaza em silencio
D'Ordrego a cadente Muza ? !
De Apollo a suave Lyra
Pulsar os sons ja não uza ? !

Sons á Jove tão queridos,
Como aos mortaes não serão ? !
Mormente quando n'auzencia
Partem bem do coração !

Nessa Ilha a idade d'ouro
Deve agora começar,
Ordrego as bellezas d'ella
De-certo que as foi levar.

Entretido ja s'esquece
Da Patria, de quem lhe estima ? !
Dos Parentes puro amor
O peito lhe não anima ? !

Não, não creio; e firme espero,
Qu'inda Ordrego me ha de dar
Gratas lições de seus Versos,
Que me sabem doutrinar.

RESPOSTA.

« Si nos campos do Céu, reino do Genio;
« Eu pudesse colher miúdos astros,
« Dos versos, onde alçaste ao Céu meu nome,
« C'rôa d'etherea luz seria o premio.

A. F. de Castilho.

LYRA.

« Silêncio culpozo, tardo
« Escuza, ó Babiana Muza,
« A'quem pulsar maga Lyra,
« Qual sôes, não sabe, não uza.

« Dôces, queridos accentos,
« Mais qu'os teus, jamais serão;
« Elles meu ser deliciam,
« Enleando o coração,

- Vate por ti tanto embaldo
- Rude verso começar ;
- Qu'ao Porvir vedado fôra
- Meu nome à Gloria levar.

- Tu, ó Sapho Brasileira,
- Tu, das Camênas estima ,
- A' Cisne implume, medrôzo,
- Humildes vãos *anima*.

- « Eia , meiga a voz desata,
 - Qu'Apollo aprouve te dar,
 - Voz, que terna, que sublime
 - Sabe os mundos *doutrinar*.
-

Não por vangloriar-me, mas somente por apresentar o alto merecimento, de que é digno o Ill.^{mo} Sr. Al^{es} Rodrigo Xavier de Figueiredo Ardignac, que vive como-que desconhecido nesta sua Patria, publico as seguintes peças, com que fez o favor de honrar-me, e terei a satisfação de ainda dar aos meus Leitores outras suas não menos primorosas produções.

« *In honorem Præstantissimæ Bahiæ Vatis*
Ildefontis Lauræ Cæsaris.

EPIGRAMMA.

« Quæ nitidos flores, rerum quæ Dominum cantas
« Carminis, Ilfontia, flosque, nitesque Diva.

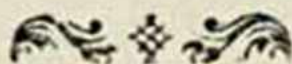
TRADUÇÃO.

« Tu das florinhas immortal Cantôra,
« Qu' hymnos entôas ao Regedôr do mundo,
« Flôr das Camenas, e do Verso Nume,
« Tens, Ilfonça, meu preito o mais sublime.

XARADA.

« Na Lingua de Parny eu sou pronome.—1
« E sou preposição em Luzo idioma.—1
« Nao acháras sem mim a fresca fonte.—1
« Masculino appellido se me toma.—1

« Meu nome designa
« Bahiana illustrada,
« A Lirica Vate,
« Por Vates cantada.



A' SAUDADE.

LYRA.

Junto d'estas ôrmas fragas,
Neste sombrio lugar,
De vêrdes ramos tecido,
Vizitado pelo mar ;

Onde em-vão se procurar
Dos humanos a pegada;
Estarei até, que a Noite
Indique a triste chegada.

Das sonoras avezinhas
O maviôzo trinado
Talvez alivio me traga
Ao coração magoado !

Gorgeiando o Sabiá,
Entôa o saudozo canto:
Acerbou-me o duro mal !
Desfaz-se-me a alma em pranto !

D'aquellas erguidas serras
Passaros de negra côr
= Peito-ferido = repetem ;
No meu mais se aviva a dôr !

Julgava, que no retiro
Encontrasse algum prazer ;
Qu'os passarinhos fizessem
Minhas mágoas esquecer.

Enganei-me ! aves, e bosque,
O Sol seu giro á findar,
O fragôr das surdas vagas ,
Tudo me faz avivar

Os estragos, qu'a Saudade
Desfechava no meu peito !
Ah, meu Bem ! é tua auzencia,
Donde emana um tal effeito.



UM SUSPIRO A' MINHA IRMÃO,

LYRA,

Suspiro , que o ar vaguêas !
Não gires disperso , não ;
Procura a leda morada
D'Angelia do coração.

Mas aonde te encaminho ,
Meu Suspiro magoado ? !
Si Angelia á meus ais tem sempre
O coração bronzado !

Si com ternura em seu peito
Te assentares máviôzo ,
E lhe diceres , que o meu
Vive por ella saúdôzo !

Inda-quê por verdadeiro
Te conheça realmente ,
Por infeliz voltarás
A' teu logar descontente !

Que me lacêre não teme ,
Nem lhe move a piedade ,
A viva dôr , qu' exp'rimento
Da mais pungente saudade !

Talvez carinhos , desvellos
Dedique Angelia amoroza
A' quem , como eu , não saiba
Amal-a tao extremoza !

Forçôzo é sofrer meu Fado,
E tambem d'ella o querer !
Torna, meu Suspiro, vêm ,
Vêm no meu peito morrer.

CANÇONETA.

Vem gozar , Angelia amiga ,
D'esta branda viração ;
Vem com migo estar um pouco ,
Alegrar meu coração.

Ai de mim ! que não me attendes !
Eu te chamo , e chamo em vão !

O canto das avezinhas,
O elar-rôxo d'Aurora,
Teu coração não seduz
C'os dons da mimoza Flora ? !

Como vêm macio o Sol !
Como tudo brilha agora !

A face dos objectos
Vai de-repente mudando
Febo, que c'os aureos raios
A tudo vai animando.

E minha Angelia não ouve,
Não ouve, qu' a estou chamando !

Da fonte ao longe o sussurro
Tambem agrada, te digo ;
As voltas, que faz, verás,
Si quizeres ir com migo.

Verás então, si á teu lado
O meu mal eu não mitigo !

Sobre as aguas cristalinas
Verás a Ninfa formosa
Dezejando a tua vinda,
Como eu tão ancioza.

No regaço da ternura
Te espero, Angelia mimosa.

Quanto cêrca esta morada
Um ar de alegria tem:
Edifícios, arvorêdos,
Bellêza, tudo contêm.

Para mais não dezejar,
Vem com migo estar, meu Bem.

Ao som da lyra sonôra,
Qu' Apollo me concedeu,
Ouvirás, si te agradar,
Entoar o nome teu:

As excelsas qualidades,
Qu' o Ser Supremo te deu,

Esses , que gózas , prazêres
Na Cidade ataviados ,
Com mágoas sempre envolvidos ,
Se tórnam desanimados:

Mas estes , p'ra que te chamo,
São de góstos variados !

Do teu peito era a diviza
Amôr , brandura , amizade:
Como hoje folgas , qu' eu sinto ,
Por não ver-te , agra saudade ? !

Deixa da côrte uns instantes ,
Vem vêr-me por piedade.

Adoça minha agonia ,
Quanto sente o coração.
Não recompenses amôr
Com sévêra ingratidão.

Ai de mim ! que não me attendes !
Eu te chamo , e chamo em-vão.



e Ao som da lyra um gemido;

QUADRAS.

Na dura auzencia de um Bem,
Triste, opresso, e consumido,
Nem para alivio me basta
Ao som da lyra um gemido.

Tem Marilia um lindo peito,
Mas, qual pedra, endurecido !
Nem-uma emoção lhe canza
Ao som da lyra um gemido.

Meu mal recresce ! Qu' angustia !
Não ser de Marilia ouvido !
Arquejando apenas sóto
Ao som da lyra um gemido.

Nos apuros da saudade,
Nos delirios do sentido,
A vida exalo, exalando
Ao som da lyra um gemido.



LYRA.

- » Cà da estancia da Saudade ;
- » Batendo as azas doitadas ,
- » Val levar-te Amor ligeiro
- » Minhas letras desgraçadas.

ESTRIBILHO.

- » Ah ! Constança , não me furtas
- » A tua face querida :
- » Sem ella me dás a morte ,
- » Com ella me dás a vida.

- » Não são expressões polidas ;
- » Mas são sentidas endeixas ;
- » São expressões do desgosto ,
- » Qu' encerram doridas queixas.

- » Ah ! Constança , &c.

- « Ellas vão ante os teus olhos
- » Abrir-te meu coração ,
- » Expor-te n'um quadro breve
- » Os effeitos da afflicção.

» Ah ! Constança , &c.

- » Victima infeliz d'amor ,
- » Ha dias , que sem te vêr ,
- » Na minha alma desgraçada
- » Morre o germen do prazêr.

» Ah ! Constança , &c.

- » Meu coração , qual a flor ,
- » Que e' o rocio florêce ,
- » Com tua vista se anima ,
- » Sem tua vista amortêce.

» Ah ! Constança , &c.

- » Constança , Linda Constança !
- » Si uma alma tens inda amante ,
- » Por teu semblante te peço ,
- » Não me furtas teu semblante.

» Ah ! Constança , &c.

» Verás então , qual a noite ,
» Que foge á vista do dia ,
» A' vista d'um teu sorriso
» Fugir-me a negra agonia.

» Ah ! Constança , &c.

» Nas tuas mimosas faces ,
Que Venus sente não ter, (*)
» A' longos sôrvos ver-me-às
» Beber nectario prazer.

» Ah ! Constança , &c.

XARADA. 5.º

Sempre me verão na roda. — 1
Sou tecida grossa, ou fina. — 2
Ando no prado , no bosque ,
Em caza sou da menina.

(*) Para honrar-me com a escolha d'este verso meu, de que se serviu nesta excellente Lyra o seu digno Autor o Illm. Sr. Guilherme Balduino Imbitas. sù Camacan , communicou-me a dita Lyra, que publico para abrilhantar este meu folheto, e em signal da estima, e apreço, de que é merecedôr.

AOS ANNOS DE MINHA SOBRINHA A SENHORA
D. ANNA CLARA CEZAR VIANNA.

LYRA.

Faz annos hoje
Bella Naninha :
Amôr por ella
Me acarinha.

E nem ao-menos
Dizer-lhe adêus !
Quanto são tristes
Os dias meus !

Mas quanto sinto
Tão longe estar ,
Que nem a posso
Terna abraçar !

Jove , que pódo
Tudo fazer ,
Lhe dê venturas ,
Lhe dê prazer.

Taes meus dezejós ,
Minha ambição ;
Qu' amo á Naninha
No coração.

A' MESMA.

Não manda o Céu , qu' eu auzento
Viva de Naninha bella !
Mas a ferrea escravidão
Me priva de estar com ella !

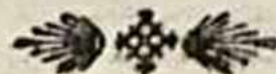
Si tudo, ó linda Naninha,
Se sujeita ao Tempo instavel,
Como elle, todo o successo
Póde ser tambem mudavel.

Si por agora não posso
De ver-te o gosto provar,
Um dia o Tempo trará
O de podêr te abraçar.

Nada existe permanente
Nesta vida desgraçada !
O rizo em pranto se torna,
O prazêr se torna em nada.

Tudo á terra a morte arroja,
Sem eonhecêr distincção !
O Soberbo, o Rico, o pobre,
Nella confundidos são.

De memória estas quadrinhas
Tome Naninha tão linda !
Só a morte estorvará
Qu' eu não possa vel-a ainda.



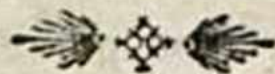
A' PEDIDO DE MINHA PRIMA A SENHORA D. ANNA RITA
PARA A EX.^{ma} SENHORA D. IZABEL DA SILVA LISBÔA.

LYRA.

Oh ! Lyra, qu' ennastrei de vêrde-nêgras,
Tristes saudades, qual minha alma triste !
Ergue sonóros sons, que chegar possam
A'os d' Isbella gentil meigos ouvidos !
Sim, de meu peito os lastimozos males,
Os acerbos tormentos, qu' o oprimem ,
Qu' ella terna os escute, e compassiva
Tambem no Peito seu os depozite.
Dado me foi penar! o desta vida
Agro quinhão dos desditozos Entes!
A dita d'existir, gozando os mimos
Da Fortuna, e Saúde, me vedaram
Tirannos Fados, meus verdugos certos !
Restava-me, á sofrêl-os paciente,
A bemfazeja Mão, os Feitos dignos
D'Aquelle, (*) á Quem ufana, o'minha Isbella ,
O ser devêste para glória tua.
Tiranna m'o roubou a crua Morte !
E neste mundo, qual deserto ingrato ,
Lastimo, choro tão sensivel pêrda.

(*) O Ex.^{mo} Visconde de Cayrú.

O, qu' aos Deuses é dado, foi defêzo
A'os mizeros mortaes por longas eras
Contentes possuir, gozar contentes.
Sim, Isbella querida ! Uma Alma justa,
De Virtudes modêlo, arrimo forte
Do desvalido, desditôzo orfam,
Na prática do Bem sempre incessante,
De um Deus ao lado emparelhar devia :
Esta a consolação, que nos confôrta !
Tu, de suas Acções digna Herdeira ,
Isbella carinhoza, amiga Isbella,
Os da antiga amizade ardentes votos,
A mais constante, desvellada estima,
Gratidão eternal áos teus favôres,
Do coração, que te ama, acceita, e guarda,
Possa a Fortuna de seus Bens Celestes
Comtigo repartir pródiga sempre.



ERRATA.

*Na pag. 69, verso 4.º da traducção, em lugar de
— sublime —, que por engano se escreveu, leia-se
— profundo.*

PARA AS DISCIPULAS DE MINHA IRMAN CANTAREM
NO DIA DE SUAS FERIAS.

LYRA.

Fertil, e grato Dezembro,
Qu' as Férias nossas trazêis !
Por brincos sérios estudos
Que troquêmos, vós fazêis.

D'ultimar nossa tarefa
Hoje a victoria cantâmos :
Repouzem as bellas artes,
Com qu' a Sciencia buscâmos, !

D' encantadoras colinas,
De lindas flores orladas,
Vamos buscar os contornos,
Pelo prazêr animadas.

E não muito vos apressêis ,
Janeiro, no giro vosso !
Deixai, que saboreêmos
O folguêdo, o gôsto nosso.

Da nossa Mestra, e amiga,
O nome, nome querido,
Com saudade, e com ternura,
Será sempre repetido.

E nossos braços com amor
Se estreitem aos braços seus:
Entre soluços chorâmos
A'he dizermos adêus.

OUTRA.

Dia de glória,
De prazer cheio,
Que nos trazer
Dezembro veio !

Na idade nossa
A alma não sente
Um maior bem,
Melhor presente !

De bellos topes,
Lindas grinaldas,
Nos vemos hoje
Todas ornadas !

É doce paga
Da applicação,
A'que nos demos
Com attenção.

Gostôzo fructo ,
Incomparavel,
Traz a Sciencia
Sempre duravel.

Mas entre os gôstos
Da curta vida
Sempre a tristêza
Ainda envolvida !

Bem-que fadigas
Ella nos custe,
Seu nobre empenho
Não nos assuste.

A nossa Mestra
Como deixar,
Sem qu'a saudade
Faça chorar ?

Hoje cantâmos
D'ella a victoria.
É immortal
A nossa gloria.

Perdes, ó Dia!
De teu valôr,
Nos apartando
Do seu amôr.

XARADA 6.

Sou verbo mui comezinho. — 1
Estou de ti tão distante,
Que me acharás n'um instante. — 2
Apôsto, que o mais sabido
Me faça seu illudido.



LOUIS AIMÉ MARTIN A' SOPHIE

Lettre 30, Tom. 3.º

*Je coule des moments heureux
Auprès d'une amante fidèle ;
Je n'existe pas seul quand je suis avec elle,
E cependant nous ne sommes pas deux.*

TRADUÇÃO.

Instantes felizes passo
Com minha amante fiel ;
Quando com ella estou, dois nos juntâmos,
E com-tudo nós dois um sêr formâmos.

A' MINHA SOBRINHA A SENHORA
D. BEATRIZ CEZAR DA SILVA.

QUADRAS.

Tem de Dêlia o casto peito,
Das Graças a perfeição,
De Venus toda a belleza,
Beatriza do coração.

Porém à todas excede
Na sublime condicção
De ser amiga constante
Betriz do coração.

Reuníu quanto era bello,
E mais digno d'attenção,
A Natureza, formando
Betriz do coração.

Póde contar-se feliz
Quem ganhar sua afeicção ;
Que mimos tem divinaes
Betriz do coração.

A'MESMA

A' PEDIDO DE MINHA MANA A SNR.^a D. ANGELICA.

LYRA.

Presta-me, ó Muza,
Sublime canto !
E' nobre o empenho,
Que móve à tanto !

Quero á Betriz
Hoje louvar ;
Quero seus dons
Grata entoar.

Sua amizade
Constante, e fida,
Faz a delicia
De minha vida.

Sempre cuidoza
De, quanto é meu,
Despreza até
Tudo, qu' é seu.

Desvellos mil
A'cada instante
Me presta alegre
Seu peito amante.

Nobres acções,
Rara virtude,
Ella as pratica,
Sem-qu' as estude.

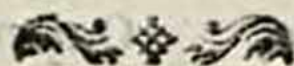
Si arduo trabalho
Tenho á vencer,
Betriz o toma
De seu prazer.

Altêia, ó Muza,
A minha lyra!
Faze, qu' as cordas
Suave eu fira:

Fingir não sabe
Seu coração,
Nem sua bocca
Dizer, que não.

E tão sonóras,
Que á seus accentos
Tudo emudeça!
Sejam attentos!

Assim eu possa
Aos céus mandar
Tao dignos Dores
Eternizar.



A MINHA IRMÃ A SRN.^a D. GUILHERMINA
EM DIA DE SEUS ANNOS.

LYRA.

- Como linda se levanta
- Hoje a Aurora purpurina,
- E vêm celebrar risonha
- O natal de Guilhermina !

ESTRIBILHO.

- Tudo é jocundo
- Neste aureo dia !
- Anima à tudo
- Dóce alegria.

- Colhe Flora apressurada
- Mil flores nesta campina ;
- Urde grinaldas em honra
- Do natal de Guilhermina.

- A linda Laura de Saphos
- A mimoza Lyra affina,
- E celebra em alto estillo
- O natal de Guilhermina.

Pelo Sr. G. Balduino Imbirussu.

A' MESMA SENHORA.

LYRA.

Cantar, Ermina,
O natal teu,
E' d'outro engenho
Maior, que o meu.

Porêm finêzas
Do coração
Render-te posso
Por gratidão:

Na lyra, ufana,
Pegar eu dêvo,
Sendo de um Deus
Mimôzo enlêvo?!

Aureos thezouros
Quizêra ter,
Para com ellas
Te offerecer.

Pertence aos Sabios,
A'os Balduinos, (*)
Hoje entoar-te
Festivos Hymnos.

D'elles a Sorte
Me têm privado!
Mas o dezejo
Nao me é vedado.

Castalios tragos
Beber podêram;
Teu nome aos Céus
Voar fizêram.

Com o, que te fôr
Ledo, e prezado,
Benignos Evos
Te dê o Fado.

(*) O referido Sr. Balduino Imbirussu Camacan.

Sinceros votos
São, eu te juro,
De terno amor
Em grande apuro.

Acceita, Ermina,
Meu coração:
Viva entre nós
Dóce união.

A'OS ANNOS DE CORA.

LYRA.

Sim, minha Lyra,
Com voz sonora
Celebra os annos
Da linda Cora.

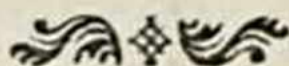
Eu te saúdo,
Bonita Aurora!
Qu'os annos trazes
Da linda Cora.

De ser mortal
Cessas na hora,
Qu'o genio louvas
Da linda Cora.

Mas tão brilhante,
Tão linda Aurora!
Tu não excedes
A'linda Cora!

Deusa não ha,
Nem mesmo Flora,
Qu'iguale ás graças
Da linda Cora.

De um Deus empenho,
Deuses namóra
A Perfeição
Da linda Cora.



Não faço sinão chorar.

LYRA.

Quando na lyra ja velha
Algum som quero entoar,
Da bella Cora me lembro,
Não faço sinão chorar.

Seus encantos, suas graças
Ja não me cabe lograr !
Longa auzencia nos sepára !
Não faço sinão chorar.

Ja não tenho mais quem possa
Minhas penas adoçar !
A bella Cora me falta !
Não faço sinão chorar.

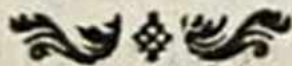
Quem podêra do Destino
Lêis tão barbaras mudar !
Mas elle não as deroga !
Não faço sinão chorar.

Os tristes restos da vida
Quero á Saudade immolar.
Nada jucundo me toca !
Não faço sinão chorar.

Como pois, cançada lyra,
Te hei-de alegre pulsar ? !
Faltando aquella, que adoro,
Não faço sinão chorar.

Nem posso mais tuas cordas
Sonorozas affinar !
Cruel tristeza me oprime !
Não faço sinão chorar.

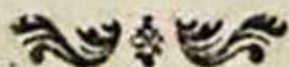
Com o ja passado tempo
Este quizera trocar !
Então a vida gozára
Sem de-contínuo chorar.



A' SAUDADE.

LYRA.

Ditôzo o, que não teve do passado
Alegres dias à chorar presente !
Feliz, quem não possúe, quem não espera
Haver da Sorte, p'ra sofrêr mudanças !
Triste, quem as idéias revolvendo,
Os gôstos traz das glórias, que acabáram ,
Os sentidos oprime , e se atormenta,
Sem nunca á seu penar achar conforto!
As leves azas sem cessar batendo
As ledas horas, repentinas fôgem,
Deixando apenas na sensível alma
Ternas saudades, dolorozas mágoas !
Ai ! não mais me apurêis, dôces Memórias ,
O ja passado tempo, que não volta !
Não façais mais pezados, mais affictos,
Mais tristes, mais cruéis esses instantes,
Que, sem essas lembranças, viver posso !
Meus olhos de chorar a luz ja perdem !
Triste victima sou de atroz saudade !
Defendêr-me não posso d'esses damnos ,
Que sofrêsse ordenou austero Fado.



QUADRA.

*D'uma saudade o rigôr
Vem-me o peito apunhalar:
Si é triste não ser amada,
E' martirio auzente amar.*

GLOZA.

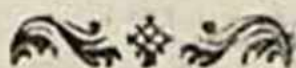
Ah ! meu Bem ! é deleitozo
Recordar ternos instantes ,
Que dois sensiveis amantes
Desfructam em pleno gôzo.
Não ha prazêr mais gostôzo ,
Qu' o nectar provar d'amôr ;
Mas si amargo dissabôr
O seu flagello vem ser,
Basta fazel-os sofrer
D'uma saudade o rigôr.

Ella me tem mergulhada
Na mais horriivel tristeza !
Da Sorte sinto a fereza ;
Vivo ; mas desanimada.
De ver-te , meu Bem , privada ,
Não faço sinão chorar !

E posso alivio encontrar ?
Não ; que longe de meu Bem ,
Mortal ciúme também
Vem-me o peito apunhalar ,

Assim a vida se passa
Entre a dór , entre o pezar ,
Sem que se possa vedar
Da Fortuna a mão escassa !
Embora pretenda , e faça
Parecer mais moderada
A cauza , porque , magoada ,
Dou-me á rude padecer :
Tanto , que não sei dizer ,
Si é triste não ser amada .

Nesta êrma solidão ,
Onde vivo descontente ,
Por não ter-te aqui presente ,
Se augmenta minha allicção .
Constante meu coração
Se firma em te idolatrar :
Mas nada o faz socegar ,
Si vives de mim distante !
Neste estado delirante
E' martirio auzente amar .



A' O DESPOZORIO DE MINHA SOBRINHA A SR.^a
D. MARIA LIBERATA CEZAR VIANNA.

LYRA.

A' os Deuses todos couberam
Thezouros d'alta grandeza,
Pobre Cupido nem teve
Atavios da riqueza!

Nuzinho constantemente
Resiste á toda Estação,
Apenas tendo de seu
Um arco e frêcha na mão.

Estas são armas bastantes,
Com que temido se fez,
De sorte, que os Deuses todos
Respeitam sua nudez.

Dos eorações governante,
Nelles firma tal poder,
Que vencêl-o, ainda não consta,
Podesse o ouro, ou saber.

Enleados na ternura ,
Nos doces carinhos seus ,
Os amantes satisfeitos
Dão cultos á este Deus.

A todos torna contentes ,
A'o rico o pobre igualando:
Amôr, sobranceiro, vêla ,
A van Fortuna calcando.

Si assim não soubesse Amôr
De Pluto os cofres vencer ,
Quem não tem mais , que ternura ,
O que havia merecer ?

Refreando pois da Sorte
A mudavel condicção ,
Feliz torna á quem consegue
A posse d'um coração.

E' o da bella Marília
Extremôzo, e tôdo teu :
Bizerra, que o recompenses ,
Concêda , permitta o Céu.

Mais d'ôces, que o mel mais d'ôce ,
Os seus carinhos te sejam ;
Por Cupidos suscitados ,
Contente sempre te vejam.

A'O MESMO OBJECTO.

LYRA.

Em laço estreito ,
E deleitozo,
Tão lindo Par
Viva ditozo.

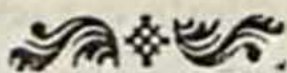
Ternura gozem
Celeste, e pura ,
Inda melhor,
Qu' a formozura.

Amor lhes firme
Nos corações
Almos prazeres,
Consolações.

Extremos d'alma ,
Sempre amoroza ,
Lhes dêm affagos,
Vida gostosa.

E seus trabalhos
Sejam somente
Tuas fadigas ,
Amôr potente!

Tal , qu' invejados
De todos sejam !
Sempre queridos ,
Ledos se vejam.



Sobre o mesmo objecto.

A' MINHA IRMAN A SRN.^a D. ANGELICA
A' PEDIDO DE NOSSA IRMAN A SENHORA
D. ANNA ROZA CAMINHA VIANNA,

ELOGIO.

Em honra da Virtude, ó minha Lyra,
Soltai divinos sons, em que se escutem
D' Angelia bemfazêja o Nome caro,
As acções liberaes, rara amizade,
Com que os filhos meus tem acolhido,
Quaes fossem filhos seus, velando sempre
Em suas precizões com empenho tanto,
Com taes affagos, e ternura, e mimos,
Qu' o sêr de Mãe depuz no abrigo d'ella!
Dourai-vos, grato Dia, amêno, e bello!
Como fazêis, que no meu peito exulto
O coração, em gôstos engolfado!
Sôis o segundo, que trazêr-me vindes
Nas azas do Prazêr alma alegria!
Sem d' Angelia o socôrro vividouro,
Como ter eu podêra alta ventura
De vêr as filhas, da minha alma extremos,
Em Laço Conjugal ah! tão ditozas!
De taes favôres em tributo escasso
A'os Netos meus ensinarêis, ó filhas,

D' Angelia articular primeiro o Nomẽ,
Qu' em nossos corações perdure eterno;
E com signaes d'amor, d'alto respeito
As Maõs beijar-lhe, dadivozas sempre !
D' Angelia aprender vinde, ó Potentados,
Sublimes Feitos, qu' imitar vos cumpre !
Essas riquêzas, que da Sorte houvestes,
Larguear aprendei , qual sabe Angelia
Tantos bens exercer , sem-que a Fortuna
A tenha com seus dons favoreado.

XARADAS. 7.^a

Sou da Muzica figura. — 1
Entre as fructas singular. — 2
O Nascido Redemptôr
Valimento me quiz dar.

8.^a

Sou de lugar adverbio. — 1
Qual Hydrópico , pezado. — 2
D'aquelles , que se desfarçana ,
Sou preciso , e procurado.



A'OS ANNOS DA ILLUSTRISSIMA SENHORA
D. LUIZA SOARES.

LYRA.

Como rizonho , e alegre
Vem nascendo o bello dia !
O Sol com dourados raios
De-todo nos allumia.

Melodiosos gorgêios ,
E de raminho em raminhos,
Trinam contentes , saltando ,
Innocentes Passarinhos.

Um lacinho ja preparo
Para o melhor apanhar :
Eis-que vejo o mais bonito
No verde galho pouzar.

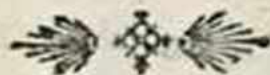
N'uma gaiola o tomei
Chêia de vivo prazer,
Mas o triste se lamenta !
E d'elle me faz doer !

» Não vês , tiranna (me diz
A engraçada Avezinha)
» Qu' eu cantava alegremente
» Os annos de Luizinha ?

» Não sabes , que neste Dia
» Tudo respira prazer ?
» E pois manchal-o tu queres ,
» Privando-me hoje de a ver ? !

Ah ! perdôa meu delicto ,
Mimoza , e bella Avezinha !
Eu te dou a liberdade
Em nome de Luizinha.

Que seus ledos annos sejam
De todos sempre estimados ,
Assim , como cem sobr'estes
Lhe são por mim desejados.



A'O SEMPRE GRATO DIA 2 DE JULHO.

HYMNO.

Comtigo, ô Dia Festivo ,
Um só se pôde igualar !
O primeiro, que rizonho
Veio o Mundo clarear.

ESTRIBILHO.

Bahia ! Patria d'Heroes !
Não temas a Sorte impia !
Sempre terá Defensôres
De Julho o Segundo Dia.

Um Deus , que Sábio , e Potente,
Quiz perdurar-lhe a memoria ,
Fez em Julho renascesse
Dia Dois, d'immortal gloria.

Que te seja indifferente
Haverá Bahiano Peito?!
Um so não ha , que não sinta
Do Prazêr o dôce effeito.

Quem hostil cohôrto in'miga
Do Patrio Sólo expulsou ,
Viva ! que mostra dos Deuses
A sua origem tirou !

Bahia ! Patria d'Heroes !
Nao temas a Sorte impia !
Sempre terá Defensôres
De Julho o Segundo Dia.



A' O ILL^{me}. SR. GUILHERME BALBUINO IMBIRUSSU^o.

EPISTOLA.

Por-que deixas , Belcino ,
Assim de apparecer ? !
Alguem d'esta morada
Chegou a te offender?

Não venhas allegando
A trabalhoza lida ! (*)
Que temos para tudo
Instantes nesta vida.

Não seja a Indifferença
Motivo da esquivança ? !
Amizade Laurinda
Sincera te affiança.

RESPOSTA.

LYRA.

• Entregue á dõce arrôbo
• C'as Muzas conversava ,
• Gentil Laurinda ! e as cordas
• Da Cythara apalpava.

• Quando feriu-me o timpano
• O som da tua Lyra ,
• O som harmoniôzo ,
• Qu' o proprio Apollo inspira.

(*) O Ensino Publico da Lingua Latina, de que todos o reconhecem profundo Mestre.

« Dependurando a Cythara ,
« Entrei-lhe a exclamar :
« — Quando canta Laurinda,
« Não dêves mais cantar.

« Eis m' interrompe Clio :
« *Nada d'esmorecer ,*
« *Joven ! vai d'esta Cisne*
« *Dôces lições beber.*

« *Só assim d'esta Saphos*
« *Te pôdes pôr ao nível.*
« Mas, si me falta o tempo,
« Como será possível ?

« Si trabalhoza lida
« Me tira esse prazer ?
« Não é qu' a indiferença
« Em mim possa caber.

« Vai , Clio , de-repente ,
« E dà-lhe este recado :
« Mostra quanto Belcino
« Hoje vive occupado.

« Que não queira do Vate
» Mau conceito fazer :
« Em fim, qu' hoje de-noite
« Lá heide apparecer.

« Mais lá por diante
« Com este sermãozinho ,
« Quando a Deusa me torna
« Com seu sorrizozinho :

« *A' tarde só de hoje ? !*
« *Deixa d'estas asneiras :*
« *Eu vou dizer-lhe, qu' irás*
« *Todas as quintas feiras.*

XARADA 9.^a

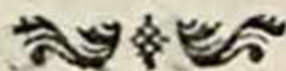
Entre os bonitos me vejo. — 1
Dos campos habitador. — 2
Sou de muitos frequentado,
Ou seja, ou não jogador.



A'OS ANNOS DE UMA SENHORA
A' PEDIDO DE UMA SUA AMIGA.

ELOGIO.

De Marilia Gentil, da minha Bella,
E' hoje o Natalicio, que festeja
Meu coração à muito penhorado.
Como surge rizonho, auri-rozado
Este Dia feliz, em que os Prazêres,
As ledas Graças, os gentis Amôres,
O Berço lh'embalâram euidadozos!
As tuas Perfeições, os teus Encantos,
Estes Dons tão sublimes, tão brilhantes,
« Não são, minha Marilia, os Dons maiores,
Com que te órna a Sábia Natureza.
Uma Alma terna, de Virtudes toda,
Onde reina a Amizade, onde se estreitam
Os d'ella sempre valiozos mimos,
Dotes são eternaes, que te enobrecem.
Os votos meus amigo escute Jove,
Votos, qu' em teu favôr constante empenho;
E terás de Nestôr os longos dias,
Sempre em delicias, em prazêres sempre,
Da Fortuna gozando alta ventura.



A'OS ANNOS DE MINHA SOBRINHA A SENHORA
D. MARIA LIBERATA CEZAR VIANNA.

QUADRAS.

Que vemos , ó meus Senhores !
Do Olympo os Deuses ufanos
A' celebrarem com nôsco
Da bella Marilia os Annos !

Tanta glória não cantáram,
Grêgos , valentes Romanos !
Bebâmos , Senhores ! vivam
Da bella Marilia os Annos.

Nossos côpos esmaltados
Invejâram Soberanos ,
Si brindar assim nos vissem
Da bella Marilia os Annos.

Rubro , saborôzo Nectar
Contra nós não fôrma enganos :
Hoje afugentam cuidados
Da bella Marilia os Annos.



OUTRAS.

Viva o rizonho motivo ,
Que faguêiro nos juntou :
Nêgros cuidados deixemos !
Bacho á beber ensinou.

Desta mêza os Companheiros
Almos cópos esgotando ,
Rôxo nectar saborêam ,
Dôce amizade brindando.

Não pôde , ó Bacho, sem tí
Completo ser o prazer :
Sim, tu pôdes tristes mágoas
Em rizados mil converter.

Vivam Marcias, Jonias, Nizes,
E todos estes Senhores ,
Qu' a companhia animando,
Inveja dão áos Amôres.

De alegria , e de prazêr
Ergâmos pompôzo altar,
Onde este dia á Marília
Possâmos ledos cantar.

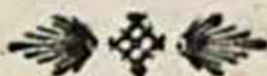
Vivam todos os, que sabem
Prezar de Marília os Annos,
Vêzes mil os festejemos,
E tambem seus Dotes lhanos,

UM SONHO.

Qu' a vida o Mar me tragava
A' vista do meu Amôr,
Sonhei, e que no seu rosto
Mal se divizava a dôr !

Qu' entre os ultimos arrancos
Pelo seu nome invocando,
Fingindo não escutar-me,
De ver-me se ia apartando !

Oh dor ! que o peito oprimido
Me traz ainda desperta !
Ah ! não permitta o Destino
Fazer a mentira certa.



Indo eu para o Reconcavo.

EM SAUDADE.

LYRA.

Tanto não corras, Barquinho,
Do meu Amôr me apartando !
Olha em pranto amargurado
Como me vou suffocando !

Quanto mais peno em correres,
Mais veloz vêjo partires !
Demôra um pouco a carreira !
Que lucras em te sumires ?

D'esse Bem, á que me roubam,
Que lucras em desviar-me ?
Ai! de vel-o nao me prives;
Que sente não affagar-me.

Este mar tão procellôzo
Só vêjo á ti respeitar !
Pois chega a soberba sua
Ao mesmo Céu limitar !

Espumando, alvêja, e vêm
A' tua prôa estoirar,
Sem-qu' a minha desventura
O possa tranquillizar !

E cada ru' do seu
No peito a ira me accende !
Contra elle impreço ; mas
Do, que digo, não se offende.

Contra mim também o Vento
Zune furiôzo, irado !
Lá, onde me levas, ah !
Não está meu Bem amado.

Não pôde á tão grande dôr
Meu coração resistir !
Antes co'as ondas eu visse
O meu ser se confundir.

Quando á minha habitação
Ligeiro os passes levar,
A tristeza, o desespero
Ha-de, sem mim, encontrar.

Rasga-me o peito a Saudade,
Minha alma despedaçando !
Suspiro , gemo , ai ! de mim !
Que a terra vai-se abaixando !

Já no mar submergida ,
Com elle envôlta, a perdi !
Ai ! porque fatal sentença ,
Meu Bem, me arrancam de ti ? !

De-todo a esperança perco !
Que me resta ? A morte, sim !
Que venha á tantos tormentos ,
A' tantas penas dar fim.

QUADRAS.

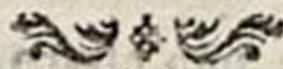
Si ha, quem triste não chore
O Bem , que longe deixou ,
Eu prantêio á cada hora
O meu , que auzente ficou,

Batida da Sorte avêssa ,
Que vale á ella imprecar ?
Contra mim vejo a tiranna
Mais, e mais se exasperar !

O coração anciôzo
Socêgo não pôde ter ,
Não ; que longe de seu Bem
E' dolorôzo viver.

Si tudo, que vive, ama,
Por-que pois é crime amar ? !
Amôr firme, amôr constante ,
Não, não posso desprezar.

Minha suprema ventura ,
Meu gôsto puz em querer-te :
Nem um so dia , meu Bem ,
Hei-de podêr esquecer-te.



CANCONETA.

Sobêrbo Mar !
A' teu fragôr
Alegre canta
O Pescador.

Ai ! que me roubas
A' meu Amôr !

Não tens descanso ,
Nem pódes ter !
Podesses mágoas
Tambem sofrer !

Eu t'as daria
Com mór prazêr.

O campo, que orlas,
E fazes lindo ,
Cuidas, que vêjo
Alegre, e rindo ?

Não; qu' a Saudade
Me vai sumindo !

Traze , si queres
Ver-me contente ,
O Bem , que tenho
De mim auzente.

Terei prazêr
Mui permanente.

Ao coração ,
Que ja lhe dei,
Todo o meu ser
Tambem juntei.

Sem elle triste
Sempre serei,

Leva-lhe ao-menos
Um terno adeus ,
Alma , que guarda
Suspiros meus.

Assim minóra
Estragos teus.



ADÊCE

pela primeira letra de cada quadra.

LYRA.

A Saudade me consome
O triste, o afficto peito;
E vivo em desassocêgo
Somente por teu respeito.

Brandeava a dura Sorte
Nos dias de te deixar :
Mas ah ! de-repente eu vi
Meu tormento se acerbar !

Calada meu mal supporto ,
Meu mal, que alivio não tem
Mais, do que lhe dão meus ólhos
Em chorar por ti, meu Bem !

Desviar-te de minha alma
Não pôde o sentido meu,
Qu' em tudo vê retratado
Gestos, e semblante teu.

E', meu Bem, amarga a vida
Do triste mortal, que anzente
Ama, e conforto não acha,
Que amante peito sustentel

Fugir luctuosos dias
Vê com tanta indiferença,
Como ao-contrario poupára
De seu Amôr em prezença.

Gravemente o coração
Tenho neste duro estado ;
Qu' o Destino não adoça
A' quem nasceu malfadado.

Ha-de a minha desventura
Inda á tal ponto creseêr,
Que, para evitar-lhe o damno,
Será preciso morrer.

Instantes, que sem ti passo,
Sao dignos de lastimar !
Em-fim, não tenho alegria !
Todos vêem o meu penar.

Julgava nestas Campinas
Espancasse o meu tormento !
De lugar em lugar erro,
Sem achar contentamento.

Levo ao mar incertos passos
Para distrair cuidados ;
Mas o sentido me illude,
Tornam-se mais apurados.

Mimos, carinhos, agrados,
A vida fazem amar :
Estas venturas perdidas ,
Que me resta à dezejar ?

Nada, meu Bem de minha alma
Men Bem de meu coração !
Conserva-se a existencia
Em tormentoza afflicção.

Onde a Sorte não amiga
Sem ti me quizer deter ,
Estarei nutrindo ideias
Do momento de te vêr.

Protestos de firme amor,
Da mais pura inclinação,
A' cada hora te faço
Dentro do meu coração.

Quero, meu Bem ! e quem pôde
O meu amor impedir ?
Não ha razão, não ha fôrça,
Que o faça diminuir.

Recórdo com dôce arroubo
Teus extremos, tudo teu,
O que tanto augmentar sabe
O excessivo amor meu.

Sô firme á quem te consagra
Tão desmarcada afeição :
Pendem os disvellos meus
Só da tua inclinação.

Tanto fôlgo em te querer,
Que d'isto meu prazêr faço :
Embóra longe me tenha
Tyrano Destino, escasso.

Um ai nas azas do Vento,
D'alma, e ternura nascido,
Te envia saudozamente
Meu coração consumido.

Vão meus amantes extremos
Com elle tambem á par,
E tudo, quanto prezumo
Teu amor lizongear.

Xofrar a minha paixão,
Paixão, que por ti me alenta,
Ninguém ha, que tanto possa,
Pois-que ninguém me contenta.

Zangas para mim só deixes,
Caro Bem ! não te exasperes :
Em socêgo os dias passes,
Em-quanto por mim esperes.



CANÇONETA.

Goste , quem gosta , do ouro ,
Qu' eu de Amôr gosto somente :
Seus prazêres me dão vida ,
Gozando-os , vivo contente.

Dóce amizade ,
Constante, e pura ,
Meu coração
Fiel te jura.

As horas, que te não vêjo ,
Passam vagarosamente ;
Mais, que o pensamento, vôam ,
Quando com tigo presente.

Não sofre mingoa
A estimação ,
Que te consagra
Meu coração.



LYRA.

Tão infeliz
Se chega à ser,
Que mesmo agrado
E' crime ter !

Ah! si quizeres
Querido sêr,
Vê si me pôdes
Aborrecêr.

Brinde, que tive
Da Naturêza,
Hei-de occultal o!
Cruel ferêza !

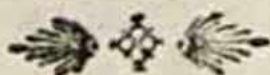
Isto concedo
Co' alto prazer,
Dando á meus ólhos
O de te ver.

Minha má sorte,
Co' elle envolvida,
Vai á pessoa,
Que me é querida !

Barbaro Fado,
Tenaz, e duro,
Em perseguir-me
Põe todo apuro !

Não te mostrando
Inclinação,
Terás de todos
A estimação.

Mas entre o Bosque,
No vêrde Prado,
Aonde eu fôr,
Serás lembrado.



LYRA.

Ó Regato cristalino ,
Tua corrente onde vai ?
Si junto á meu Bem amado,
Não lhe levarás um ai ? !

Um ai , que do peito amante
Lhe envia meu coração
Entre dôr , entre soluços ,
Martirios , e aflicção !

Em signal de quanto sôfro ,
Corre meu pranto saudôzo :
Com elle te não mistures ,
Não te faças desditôzo.

Basta só , que a compaixão
Te môva á meu Bem dizer ,
Que nem-um instante posso
D'elle o sentido perder.

Que tuas bellas campinas
Alegar-me não podêam ;
E plumezos cantadores
Distrair-me não soubêram.

Oh ! quanto pôde a saudade ,
Que padêço d'elle auzente !
Entregue á ella minha alma ,
Sou á tudo indifferente.

Paraste, moçoinho Arrôio ?
Não queres mais proseguir ?
Meu pranto aeazo faria
Toa carreira impedir ?

Mas não; por entre seixinhos
Desenvolves a corrente :
Ja sei ! do meu mal querias
Ficar de-todo sciente.

Pois vai ; e de meu mandado
Acarinha meu Amôr ,
Em-quanto nestas campinas
Vou nutrindo a minha dôr.



IR. LOUIS AIME' MARTIN A' SOPHIA , CART. 31. TOM. 3.º

*Tout s'animait dans la campagne ;
Le laboureur , reprenant ses travaux ,
Suivait sa modeste compagne ,
Qui menait paître ses troupeaux
Sur le penchant de la montagne.
Dans le lointain un jeune voyageur
Fuyait sa chaumière importune ;
L' insensé quittait le bonheur
Pour courir après la fortune !
Assis sous un palmier, au sommet d'un coteau,
Un Sage cependant contemplait ce tableau :
Mortels ! s'écriait-il, votre espérance est vaine:
Rester où le destin plaça vòtre berceau ;
Heureux ou malheureux , vòtre fin est prochaine:
Le plaisir , ainsi que la peine ,
Ne conduit-il pas au tombeau?*

TRADUÇÃO.

*Tudo se anima no rizonho campo !
O Lavradôr retórna á seus trabalhos ,
Sua modesta Espôza acompanhando,
Que á pastar o rebanho conduzia
Sobre o declive do erguido monte.
Ao longe vêem um joven viajante*

A' cabana fugir, que lho importuna;
Sua ventura desprezava o louco,
Para os passos seguir da vária Sorte !
D' uma Palmeira à sombra n'um oiteiro
Um Sábio neste quadro contemplava.
Vans, ó Mortaes ! são vossas esperanças !
Assim exclama o Pensadôr, o Sábio :
Fical, onde o Destino quiz nacêsseis :
Feliz, ou infeliz, a morte é certa :
 Quer o prazêr, quer a pena
 Ao tumulto nos conduz.

XARADAS. 10.^a

Sou da vida companheiro. — 1
Prendo os , que andam dispersos. — 2
E' de mim a cauza horrivél
D'os homens serem perversos.

11.^a

No Inverno eu sou querida. — 1
Brinquêdo sou dos meninos. — 2
Exclareço a Natureza ,
Tambêm frustro os maus destinos.

9^a

FAYORES DO ILLUSTRÍSSIMO SENHOR TUTOR
JOÃO JOZÉ BARBOZA D'OLIVEIRA.

IMPRESSÃO POÉTICA.

Vous paraissez n'être pas heureuse.
Sachez qu'il y a des certaines âmes que cher-
chent en vain dans la nature les âmes auxquel-
les elles sont faites pour s'unir, et que sont
condamnées pour le grand Esprit à une sorte
de veuvage éternel.

Lettre de Chateaubriand à de Fontanes I
no fim do 4º. vol. do Génie du Christianisme.

Funesto dom, que me outorgaram Numes!
Verso da Illm.ª Sr.ª D. Ildef. L. Cezar.

Meus amigos, se Deos vos der filhos poe-
tas, não os espediceis, mas pedi-lhe de mãos
postas que vol os não dê; que mal se com-
pensa com uma palavra sonora, gravada em
lousa de sepulcro, o descontentamento, en-
curtamento e malógro de uma vida.

Noticia litteraria acerca da Senhora D.
Francisca de Paula Possolo da Costa por
Antonio Feliciano de Castilho, pag. 52.

Versos d'amor, tão orvalhados d'alma,
Que cêo mavioso vos soltou do seio?
Que sanctuario vos ond'lou do alto
Dentro em meu peito, chuva d'harmonia?
Himnos de fadas mysteriosas, bellas,
Em jardins d'Oriente, sois acazo,
A' perfumar c'os magicos concertos,

Delicia etherea ; os encantados ares ,
 Os Paços de Saphira, as sêdas magas,
 E quanto luxo os Genios infatigação !
 Talvez sois mais ! De musicas de anjo,
 Azas de neve, pôr de roza os labios,
 Subtis, suaves, como fôrmas virgens,
 Cysne celeste avoejando em etheres ,
 Da bôca mystica á enternar amores,
 E palavras de paz á Deos, á homens....
 Do concêrto de hosannas, lá em cima
 Cadenciado em invisiveis harpas,
 Harpas de oiro á Jehovah consagradas,
 Um som perdido do cantar angelico,
 Vindes formosa á cativar-me o ouvido !...

Mas nada d'isto sôis ! sôis, poesia !
 Filha da terra ?... não ! que ouvi na terra.
 Coração de Mulher ! te reconheço !...
 Não és do mundo, não, tu, que assim fallas !
 Podem bardos sublimes do alaúde
 C'os sons q̃uazi divinos enlêar-nos,
 Mas se dedilhas tu, Mulher, na lyra ,
 Que a mão do Anjo te afinou no seio ,
 Basta uma nota, um só accento, um echo ,
 E quanto sente sentirá mais fundo ,
 E em cada syllaba do femineo metro,
 Verá tal fôrça, qual se ouvira angusta ,
 Solitaria sahir de dentro a um templo
 Voz de mysterio, accentuada phrase

Ao home innóta em região estranha !...

Ao menos sinto assim ao ler taes versos !...

Quem quer que foste , e os escreveste outr'ora ,
Sympathia almejada, qu'ignorava
Esta minha alma, como a tua, terna ,
E , como a tua , devotada á magoas ;
D'este patrio Brazil gala poetica
A' corôar-lhe a fronte resplendente ,
A não poder, co'as louçainhas virgens
Da mocidade , que lhe Deus viceja ;
Flôr de dezerto a campear occulta ,
Bello arcano sonhado , qu' hoj' encontro...
Mulher serias , porém n'alma deosa !...

Amaste ! sim...foste infeliz... amaste ? !
Tinhas no coração a immensidade ,
Tinhas na fronte o imaginar ousado :
Quem nasce assim não hade amar na terra !
Porção truncada do pensar divino ,
Qual idioma a entend'rá na terra ?
Sua metade harmonica , entre os homens,
Onde ha hi deparal-a ? em vão a busque !
Só no infinito o seu affim existe....

Adore a solidão como a deidade ,
E da melancholia o sorrir triste ,
E a saudade , e o vago, que nos manda ,
Seja o festim d'ess' alma já nascida
Pelo Dedo do Eterno á dôr fadada....
Da praia á pedra fria vá sentar-se ,

E como o Caraíba merencorio,
Em pontas de penedos, recostados,
Olhos fitos na rocha, ou lá no abysmo,
Horas e horas devanêem, pensem
Em quanta imaginação ha dolorosa....
Apoie o rosto sobre a mão, e chore
Ao vêr, distante, no horisonte um ponto,
Que sumindo-se vá té que feneça;
Que a vida vai assim como essa véla!
Apez esguarde ao longe o mar tão vasto,
Ame-lhe agora esse brincar das ondas
Innocentinhas, d' affeições izentas;
Doão-lhe logo as lutas, desesperos,
Em que aporfião outras, qual primeira
Do altanado rochedo, que lá jaze,
Os pés soberbos beijará ditoza...
Tanto adorar, oh miseras, vos mata!
E por entre ellas placido, e callado
Veja impassivel o querido barbaro
Em pé á olhal-as nas cruéis angustias....
Atroz tranquillidade em meio á dores!
A'scena tôrva, tão do mundo emblema,
Cruel profeta de um futuro negro,
Que hade lançar-lhe afflicto véo d' inferno
Sobre essas illuzões ah! tão doiradas!
Sonhos bemitos, que teus id'los crão,
Casta sensib'lidade! dom funesto!
Que só em lousa de jazigo deixas

De envenenar ao desgraçado os dias
Aquelle é o mundo , diga , levantando-se ,
As mesquinhas morrendo ante o insensibil ;
Essas sou eu...em paz te fica, oh mundo !

Não sei eu si já preparado pelo ler de varias poezias miúdas da Illm.^a Snr.^a D. I. L. C. , ou si a só leitura de quatro suas quadras () notareis na delicadeza de imagens poeticas e de sentimento , que me tembrarão a sorte de uma pessoa, com quem já sympathisava minha imaginação , verdade seja que me acompanhados vinhão os taes versos de accessorios (que os já sabia) de amores, amante , talento, sensibilidade , e por arremate muita sem rasão e contra rasão, grandes infortunios , o certo é que isto tudo dias depois me inspirarão gizar um quadro (que já em mim sentia) que, como d'aquelles promenores , está-se vendo , de todo em todo , de si mesm^o à derramar em flores de mui sentido poetar.*

Si de inspiração poetizei a vida melancholica e toda amores da insigne Portiza, q' realmente admiro; si de mui doido escrevi uma pagina de minha indolente, minhas inclinações , minha alma, deixei evapo-

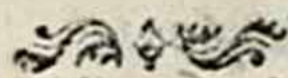
(*) Não quero arrogar á mim o , que não é meu: essas quatro Quadras por engano disseram ao Illm.^o Sr. Dr. Barboza que eram minhas.

rar minhas dores profundas, á partes nascidas de meu coração, á partes upascentadas da minha estrella de desditas, á partes melancholisadas com o arreçar um futuro de muitas contradições, cujas ainda lhes não advinhei a natureza, mas todavia aguardo infinitas e crueis, (rebates falsos praza á Deos que sejam) coiza é que não posso dizer, por impossivel de extremar; mas cuido eu que ao versejar estas trovas minha fantazi só via, ou lhe parecia que via, rugas nobres em um rosto moço de mulher, e ella chegada áquella velhice antecipada, e n'esse estado de soffrimento mudo, que por fora tão só em lagrimas por vezes se entorna, ou outras em versos mui tristes de ouvir, quando vai o martyrio para mais martyrio em alma de poeta.

Si a illustre Poetiza Bahianna não lhe parecer que querendo devassar o interior de uma alma, que não teaho a honra de conhecer, lhe profanei o mysterio, em que queria talvez encolvidas as suas dores, ou si parecendo-lh'o, não se despintar, nem ficar em agravo, antes me perdoar o sacrilegio, e for bem vindo á sua casa este meu cantar tão desentoadado, como um gemido de selvagem desespero, de todo em todo o não terei painel descorado de poeta phantasiador, e mal-aventurado no seu trovar.

Bahia em 22 de Novembro de 1841

J. J. B. de O.



João José Barboza de Oliveira
pai do Cons. Ruy Barboza

NOTE.

« *Triste, qual minha ventura,*
« *Róxa, qual meu coração,*
« *Mudamente, ó Flôr mimoza,*
« *Exprimes minha paixão.*

GLOZA.

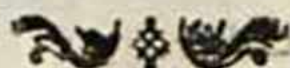
Desfêcha, oh ! nêgra Sandade ,
No meu peito austero mal ,
E nelle embebe o punhal ,
Sem nem-uma piedade :
Amo a tua crueldade ,
Amo tudo , quanto apura
A teimoza desventura :
E traze-me à ideia em-fim ,
Qu' a Naturêza é p'ra mim
« *Triste, qual minha ventura.*

Essa côr, que te vestiu
Potente Mão , que não erra ,
Dentro de minha alma encerra
O dó , com que te cobriu :
Sabiamente repartiu
Com nôsco amôr , e afeição ;

Deu-me com mais duração ,
P'ra sentir-te , a existencia ;
E te fez por excellencia
« Rôxa, qual meu coração.

Si te encanta o Bem , que adoras ,
Não te reveste o prazer !
Dos Mortaes o desprazer
Sustentas em tristes horas :
Porêr quanto não vigoras
Rica fraze luctuosa ? !
Sim , oh ! Saudade amoroza !
Si a dôr , que me ancêia , digo ,
Expressões trazes com tigo
« Mudamente, ó Flôr mimoza.

Em lethal abatimento ,
Distante de meus Amôres ,
Do Fado próvo os rigôres ,
Vivo em tenaz sofrimento :
Nem quero contentamento ,
Que distraia o coração !
Tu me igualas nesta acção :
No garbo altivo , qu' ostentas ,
Minhas mágoas apresentas ,
« Exprimes minha paixão.



A' MEU MARIDO:

*achando-me eu na Povoação de Caixapregos ,
e elle nesta Cidade.*

LYRA.

Do Campo o rizonho aspecto
Não ameiga a minha dôr ,
Longe d'aquelle , à quem amo ,
D' Elmano , meu doce Amôr.

D' atra agonia os instantes ,
D' enfadonha duração ,
Sem elle são os , que passo ,
Nutrindo acerba afflicção.

Contra a Ventura lamento ,
Ricas of'rendas lhe faço ,
Si permittir , qu' ao Espôzo
Hoje dê um terno abraço.

Com saudades raladôras
Ja não posso mais lutar !
Ah ! que só Elmano pôde
Meu coração contentar.

Que vividôira alegria
No meu peito nascerá !
A sua dizeza vinda
O socêgo me trará.

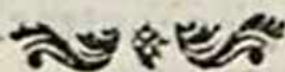
A'O MESMO.

LYRA.

De Febo á nova carreira
Tudo se anima contente !
Só eu , na saudade envôlta,
Sou á tudo indifferente.

Uns , as janellas abrindo ,
Outros , seu Bem affagando ,
Sao , do-que eu , mais dizezos ,
Seu amôr saboreando.

Van Fortuna ! o teu capricho
Por-que só á uns adita ? !
Por-que só eu nesta vida
Hei-de sempre ser afficta ? !



A'O MESMO.

» *Sem nunca alivio encontrar.*

QUADRAS.

Meu coração, qu' é d'Elmano,
De mágoa sinto estalar !
Dos olhos meu pranto corre,
» *Sem nunca alivio encontrar.*

Quantas vêzes por seu nome
Docemente á invocar,
A saudade se redobra,
» *Sem nunca alivio encontrar !*

Qual geme a rôla innocente,
» Quando lhe falta o seu par,
Assim, triste, me lamento,
» *Sem nunca alivio encontrar.*

Ai ! meu Bem ! de-pressa vêm
A minha dôr terminar !
Sem ti viverei afflicta
» *Sem nunca alivio encontrar.*

A' O ILL.^{mo} SR. FILIPPE MANOEL DE CASTRO
*tendo chegado á Caixapregos em companhia de meu
Marido, e retirando-se juntamente com elle,
pelas suas obrigações do Serviço Publico.*

EPISTOLA.

A' o triste coração, amargurado,
Envólto na saudade, e consumido
Na dura auzencia de, quem tanto prézo,
Almos gôstos, prazêres delectozos
Em hora divinal trazêr vieste.
Testimunha, Senhor, de meus transportes
Fôste á chegada do Espôzo amigo:
Que gratas sensações se produziram!
Tua Alma, de Virtude engrandecida,
Tao sensivel á dôr, ao pranto alhêio,
Que sabe padecêr, si outrem padêce,
Em mim relêve, me desculpe o pranto,
Que arranco d'alma, que calar não posso
A' saudoza partida de, quem amo,
De quem auzente fico nestes Campos,
Sem alegria, sem prazêr, sem vêl-o!
O respeito, Senhôr, que á teu character,
Não só de hoje, de mais tempo, devo,

Indelevel te juro. Os Obsequios ,
Tuas nobres Accções , captivar sabem.
A' murchar da Consorte atroz saudade ,
O brando Nóto te conduza o Lenho ;
Neptuno se sujêite , e não consinta
Desenrolar-se encapeladas ondas ;
Em breve impulso te aproxime o porto ;
Próspero á caza te encaminhe o Fado ;
Prazêres nella mil te anhélo grata.

A' MEU MARIDO.

Amanhan se vai embora. ()*

QUADRAS.

Lédos , mimozos instantes ,
Que desfructei lhé agora ,
Enlutai vos ! pois-qu' Elmano
Amanhan se vai embora.

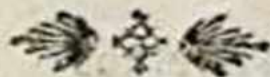
(*) Mote, que me deu o Sr. Filippe M. de Castro

Aflieto meu coração
Padêce , por elle chora :
Nao pôde o amor detêl-o !
Amanhan se vai embora.

O prazer , que me animava ,
Sem elle jamais vigora :
Triste vida ! O caro Espôzo
Amanhan se vai embora.

Apunhálam-me as saudades ,
Encarando a fatal hora !
Ai ! soluçando repito :
Amanhan se vai embora.

Das Avesinhas o canto
A minha dôr não minôra !
Com migo tambem lastimam :
Amanhan se vai embora.



A' O MESMO.

QUADRAS.

Sí tudo nestas campinas ,
Quanto é teu , deixas ficar ,
Deixando os sentidos teus ,
De mim te has-de lembrar ?

Neste Sítio , que a Saudade
Não te permite deixar ,
Fica também a saudade ,
Que não se póde apagar !

Para a saudade avivar.

CANCAÕ.

Defronte d'onde estivemos
Sentados á beira-mar ,
Quanto passâmos , recordo ,
Para a saudade avivar.

D'este Sítio a differença
Não me é facil pintar !
Basta somente , que sirva
Para a saudade avivar.

Claro verde, que o cercava,
E se via então lustrar ,
De vêrde nêgro tornou-se,
Para a saudade avivar.

Quiélas estão as águas ,
Mal se escutam murmurar !
Dando largas dentro d'alma,
Para a saudade avivar.

Um Passarinho alli solta
Melodiôzo cantar :
Parêce ser pozitivo,
Para a saudade avivar !

Si com elle á teu Amôr
Procuras ledô ameigar ;
Do meu recôrdo os agradôs,
Para a saudade avivar.

Si assim cantas, Avezinha,
Para meu mal estreitar,
Nelle mesmo acho motivo,
Para a saudade avivar.

Não prezumas, que preciso
De, quem o venha aguçar !
Exemplo d'outrem não quero,
Para a saudade avivar.

Mas ah ! que lá vem a noite !
Precizo é te deixar !
Só de meu Bem levo a idéia,
Para a saudade avivar.

Por estas verēdasinhas
Hontem eu o vi dobrar :
Divulgo ainda seus passos,
Para a saudade avivar.

A' caza, triste, regresso :
Adeus , sozinho lugar !
Nem mesmo de ti careço,
Para a saudade avivar.



A' O MAR.

QUADRAS.

Si á tanto teu poder chega,
A' meu Bem dize, correndo,
Qu' a vida sem elle é morte,
Que venha me vêr morrendo :

Que meu triste coração,
Desalentado de dôr,
Succumbirá de saudade
Sem o soccôrro de Amôr.

A' MEU MARIDO.

LYRA.

Pela margem desse rio,
Que gostavas passear ,
Eu fui com saudades tuas
Terno pranto derramar.

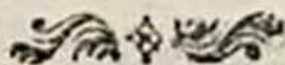
Em todos os objectos,
Qu' então alli divizei,
Tomando meu sentimento,
Todos tristes eu achei.

Por mais qu' afflicta buscasse
Um logar, onde ficar,
Nem-um logar me agradava !
Nem podia respirar !

Aos olhos d'alma presentes
Teus affectos, tudo teu,
Nutria tristes idéias,
E tambem o amor meu.

Oh ! como rizonho fôra
Tudo, quanto aqui eu vêjo !
Si á meu lado estivesse
Aquelle, que sò dezêjo !

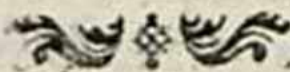
E tu, Destino cruel !
Nao penses, ludibriando,
Que pòdes e' amarga auzencia
Meu amor ir afrouxando



A' O MESMO.

IDYLIO.

Na deserta choupana, em qu' ora vivo,
 Junto ao mar, entre lóscos arvoredos,
 Inseparavel me accompanha sempre
 Na dura auzencia de meu caro Elmano
 Terna saudade, minha amiga velha!
 Zéfiro amante, em-vão á distrair-me,
 Agita molemente as folhasinhas;
 Flóra o prado me aponta matizado
 De multicôres, e cheirozas flôres:
 Os lédos passarinhos, que gorgêlam
 Ao levantar da rociada Aurora,
 Nada à meus ólhos tem valôr, tem graça,
 Longe do Bem, que o coração me occupa!
 Todas estas bellêzas, que conhêço,
 Sentira deleitozas junto à Elmano,
 Elmano, por quem vivo, Elmano amigo.
 Desamparou-me a dôce paz gostosa!
 O peito me atassalham os cuidados
 Sobre seu bem-estar, sua saúde.
 Assim vive o mortal esperançozo
 Dos bens futuros possuir um dia,
 Sem-qu' estes cheguem á feliz fazêl-o.



Despedindo-me de Caixaprégoa.

IDYLIO.

Que de prazêres variada scena
A sábia Natureza nos apresenta !
O verde, e largo, e espelhado rio
A's bôrdas chega tão sereno, e manso,
D'este lindo local, em qu' ora habito,
Que o coração em si guardar não pôde
Tão apraziveis, tão suaves gôstos.
Dentre esses mangues, qu' o calôr lhe abrandam,
Como se elêva radiante Febo !
C'os seus raios as folhas coloridas
A vista alegam, o prazêr animam.
Favoneo brando co'as mimosas flôres
Principia á brincar. Como rizonho
Vai o prado ficando nesta Aldeia !
Tu não ouves, Elmano, os passarinhos
Ternos gorgêios modular contentes ? !
Essa linda avezinha ao par querido
Como o affaga mêmga, e carinhoza ? !
Ao preguiçôzo espôzo aquella grita
— Marido ! é dia,, e, sem-qu' o ninho deixe,
Est'outra (o qu' é ser Mãe !) os alvos ovos,
Tôda cuidados, desvellada tôda,

Aquêce , e os guarda ; e mal , apenas
Por entre os vimes , que seu ninho tēcem ,
Deixa a cabeça vēr , como espreitando
De seus iguaes os movimentos vários.
O maternal amôr a rigozija ,
Elle o vigôr lhe dá, ~~elle~~ a consola
Da suave prizao , do captiveiro ,
Em que d'envôlta nos raminhos vivê.
Quaes da Cidade os mais aparatozos ,
Nobres folguēdos , passatempos , bailes ,
Se pôdem comparar , ou ser melhores ,
Que os gôstos puros , variados sempre ,
Do Campo amêno , socegado , e bello?
Enfadonho relógio aqui não sôa
A' nos lembrar , que a existencia passa ,
Como elle corre no seu giro certo !
Nem o dobre do sino aqui se escuta
A'o coração trazendo a mágoa , o pranto !
Mas , Elmano , meu Bem , por que motivo
Sem ver-te estou? ! Por-que tiranno Fado
Carece , que apartados estejamos? !
Mais não pôde sofrer tão dura auzencia
O terno coração , que te hei votado.
Ligeiro o Barco já lá iça as velas ,
O ferro leva , as brancas aguas córta ,
Da morada , que deixo , á porta encosta.
De ver-te , e de abraçar-te, Elmano amigo ,

Dezejos mil no coração crescendo ,
Fazem , que os campos deixe, embora os chore ,
Os campos , que tão ledos me contentam !
Apollo os invejára , os preferira
Aos Prados Idaleos , s'inda uzasse
Rebanhar de Admeto o manso gado.
Quantos prazêres me deleitam nelles ,
Todos são nada , para mim são tristes ,
Quando e'os de te ver eu os combino.
A's iradas procellas ja me entrego
A' minorar da fêra auzencia os golpes ,
Golpes , que , sem cessar , me dilaceram
O peito amante, onde sempre habitas.
Deste Sitio saudoza, e não saudoza ,
Me retiro contente, e não contente.
Adeus , Pastores , que me espera o Espôzo !
Por elle vos desprêzo : o seu descanso
Incansavel procuro ; e carinhoza
Murchar-lhe vou no peito agra saudade ,
E provar-lhe fiel minha amizade.



O CRUZEIRO DO SUL

OU

A DESCOBERTA DO BRAZIL.

METAMORFOZE ORIGINAL. (*)

- « Gama , da Lysia antiga ingente Nauta ,
- « Sulcando o salso imperio. ás Indias vôa :
- « Nem das plagas da Lybia os igneos climas ,
- « Nem dos mares austraes a furia eslôrvam
- « Do Egrégio Luzitano a marcha heroica.
- « A'o nome do seu Rei , da Patria ao nome ,
- « D' Africa nêgra os féros povos doma ;
- « E vai além das margens , onde aos mares
- « Seu tributo perpétuo o Indo paga ,
- « Alçar da Patria o pavilhão famêzo.
- « Nunca da Historia os Fastos memoráram
- « Mais preclaras acções , Heróes mais dignos !
- « Que são á par dos Luzos valorózos

(*) Não devendo jazêr ignorada do Publico esta Sublime Engenhoza Metamorfoze Brasileira , Produccão de um dos Illustres Subscriptores dos meus versinhos, o qual não a tem querido dar ao prelo , ouzo enriquecêr com ella este meu folhêto, esperando poder ainda declarar o Nome do seu digno Auctor.

« Enéas piedôzo, o irado Achilles ?
« Mas c' o tempo, que passa, esvâe-se tudo !
« A' destinos fataes entregue , ó Lysia ,
« Um Gama ja não tens , foram-se os Castros !
« D'esses Herôes agora o nome excelso
« Na Lyra de Camoes gravado apenas
« Gratas recordações n'alma te excitam.
« Qual desditôzo, que no pranto encontra
« Alivio às tristes mágoas, qu' o perseguem ,
« Prantêa-te, ó Lysia !... Em-balde, em-balde !...
« Teus suspiros são vãos, é vão teu pranto.
« Os Varões , que arrostando os marcos p'rigos
« Do jugo de Miguel te libertaram ,
« Uns à morte acabou , mais tristes outros
« Em degradante exilio a vida arrastam !
« De exemplo ao mundo teus dilírios sirvam ;
« Nelles os povos seus destinos lêam.
« Contra os dêsotas êrga embora as armas
« Um pôvo , que por livre se proclama ;
« Si alcançada a victoria a paz não reina ,
« Si a prudencia não marcha e' o triunfo ,
« Géra o sangue de um dêsota mil despotas.

« Anjos Celestiaes, guiai meu plectro ,
« Qu' eu vou, unindo a voz ao som da Lyra,
« Um prodigio cantar , prodigio excelso ,
« Obra do Deus , que lá do Alto Empirio ,
« Prezide aos Céus , dos mundos rege a sorte.

- Que já ao Malabar chegára o Gama
- Tem a Fama na Europa annuciado.
- Manoel , qu' o Regio Sceptro entao erguia ;
- A' Cabral, eximio Nauta, a voz dirige :
- *Além do Tormentorio os Herões nossos*
- *Tem às Indias levado a gloria Luza :*
- *Aberta já ficou a longa estrada ,*
- *Que sobre as ondas vai do Tejo ao Ganges :*
- *Segue a via , qu' os nossos já trilharam :*
- *E, mais Lóiros juntando aos marcios Lóiros ,*
- *Que o Patrio Brazão nosso aformozéam ,*
- *Busca os mares da India , e ao Mouro infido*
- *Mostra da Lysia nossa a força.* • Dice.
- O Nauta ouviu-o , e presto ao Tejo vôa.
- Quando a Aurora seguinte no horizonte
- Vêo da noite affugentar as trovvas ,
- Já dos liquidos campos do Oceano
- Cortava a frota as encrespadas ondas :
- Corriam sobre as aguas tão velozes ,
- Que breve esperam vêr as longes plagas
- Da India , pela Fama apregoadas.
- Mas quando os montes da Africana terra ,
- Onde habita a Serpente , o feroz Tigre ,
- Por entre espessas névoas se mostravam ,
- De tormenta fatal indícios chegam.
- Com força nova os ares se agitaram :
- Cresce o furôr dos mares ; curvas ondas
- Contra o nautico lenho então se arrojam :

- « Negras nuvens dos Céus a luz occultam ;
- « Sôam trovões , relâmpagos fuzilam ;
- « Co' estampido cruel faiscas vôam ;
- « E pálidos clarões na scena escura
- « Hórrida luz de-quando em-quando espalham :
- « Aos Céus iradas vagas ora sobem,
- « Gecendo, ora no abismo se arremessam :
- « E o tumulto nas aguas contam certo
- « Os Nautas ; mas a morte os não alerra.
- « De ter a vida exposta contra as ondas,
- « Não contra os Mouros , tristes se lamentam.
- « Pela espôza saudôzo o espôzo chama.....
- « Onde está ? Patrios echos jazem mudos !
- « Ou se agora nos lares vózes s'ouvem ,
- « São vózes de amargôr, de mágoa pura ,
- « Que a consternada espôza aos Céus dirige.
- « Nautas ! deponde o mêdo : Um Deus vos guia ,
- « Não d'esses, à quem Roma ergueu altares,
- « Não d'esses pela Grecia venerados ;
- « Mas o Deus Creadôr de mil bellêzas,
- « Que os nossos olhos vêem, ou vêr não podem.
- « Longos dias e'o mar lutára a frota,
- « Longas noites passára na tormenta.
- « Fulge de-nôvo o Sol : dos largos mares
- « Com vêrde côr as ondas se ataviam ,
- « Sombra da terra, que não longe existe.
- « Chegado estava o dia, em que no Egypto
- « Tinha de Sara a prole os tenros annos

- « Pela vez derradeira á Deus offerto.
- « Inda não viam terra; mas ácima
- « Das nuvens alto monte se mostrava :
- « De Pascoal, por memoria, o nomeáram.
- « Tu, que lá na antiguidade, Egrégio Monte,
- « De baliza serviste á frota Luza,
- « Inda ao nauta, que tímido percorre
- « Hoje os Abrolhos, de baliza serves.
- « Mas já nas alvas, arenózas praias
- « Alegres pizam; divos cantos sôam.
- « Não longe alli das margens, onde as aguas
- « De um dulcíssimo rio os mares bebem ,
- « Vêrde Oiteiro se eleva : os gratos nautas
- « Nelle da Cruz a Sacra Effigie arvoram.
- « O Sol já não luzia : já da noite
- « Pelo horizonte as trevas se estendiam,
- « E os rôcos échos ainda repetiam
- « Os canticos á Christo cansagrados.
- « Eis súbito clarão lhes fere a vista !...
- « Uma Deusa se mostra !... Era Maria ,
- « Aquella, qu' em Bethlêm na choça humilde
- « Da Divina União mostrava o Fructo.
- « Nos labios seus o rizo se diviza,
- « Nos Olhos seus as lagrimas gotêjam :
- « Tal de extremo prazer o claro indicio,
- « Sonora voz se ouviu : a Virgem falla :
- « *Luzas, ouvi dos Céus a Voz Suprema :*

- « *Nestas margens xerão Gentes vindoiras*
- « *Da Estirpe Luza florescente Imperio*
- « *Sobre os grandes Imperios elevar-se.*
- « *Esta Effigie sagrada (e assim dizendo*
- « *C'o niveo Dêdo a Santa Cruz mostrava)*
- « *Esta Effigie sagrada, que os meus ólhos*
- « *Em lagrimas outr'ora mergulhára ,*
- « *Como eterno padrão da gloria vossa,*
- « *Brilhar nos Céus veréis. ., Dice, sorriu-se;*
- « *E a Santa Cruz tomando, aos astros sôbe.*
- « *Cabral, e os Socios seus, se maravilham,*
- « *A Virgem adorando, a armada ganham,*
- « *E d'um milagre tal à Pátria informam.*
- « *De então por Lei de um Deus Omnipotente*
- « *Na Celeste Região, que o Sul habita ,*
- « *Quatro Estrellas da Cruz a fôrma indicam :*
- « *Linda Constellação, que mostra aos Evos*
- « *Com o nome de Cruzeiro o Patrio Nome.*
- « *Assim, Brazil ditozo ! quando a Noite*
- « *Com seu manto estrellado o dia encobre,*
- « *Inda o Céu te apresenta a clara imagem*
- « *Dos ramos, onde Christo na Iduméia ,*
- « *Por dar aos homens vida, deu-se á morte.*

ADVERTENCIA.

Apezar da muita deligencia, que se empregou para não havêrem erros nesta impressão, encontram-se alguns, que o Leitor facilmente corrigirá, dispensando assim fôlha de erratas.

Tem que sejam de facil intelligencia as Xarañas
que se lêem neste folhêto, com-tudo, para aquel-
las pessoas, que não tiverem paciencia de procu-
rar advinhal-as, declara-se a significação:

Da primeira.....	<i>Bonina.</i>
« segunda.....	<i>Preposição.</i>
« terceira.....	<i>A'nagramma.</i>
« quarta.....	<i>Bolão.</i>
« quinta.....	<i>Rolinha.</i>
« sexta.....	<i>Esperto.</i>
« setima.....	<i>Lapinha.</i>
« oitava.....	<i>Capote.</i>
« nona.....	<i>Boliquim.</i>
« decima.....	<i>Serpente.</i>
« decima primeira.....	<i>Lampeão.</i>
A do Sr. Ardignac à folhas 69.....	<i>Aldefonso.</i>



